

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

**ESTATUTO E FOCALIZAÇÃO:
PROCEDIMENTOS TÉCNICO-
NARRATIVOS AO SERVIÇO DA
EXPRESSÃO DA IDEOLOGIA EM
GODIDO E PORTAGEM**

Aurélio José Cuna

LT-18

1998

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
CURSO DE LINGUÍSTICA

***Estatuto e Focalização:
Procedimentos técnico-
narrativos ao serviço da
expressão da ideologia em
Godido e Portagem***

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos exigidos para o grau de licenciatura em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane.

Por: Aurélio José Cuna

Supervisora: Prof. Doutora Fátima Mendonça

Maputo, Dezembro de 1998

82-3
C972 e 04

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	2708.2
DATA	27 fevereiro 00
ADMISSÃO	deferida
LT-18	

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

À memória da minha mãe,
falecida em 1973.

Ao meu pai, dedico e ofereço.

AGRADECIMENTOS

À minha supervisora, Prof. Doutora Fátima Mendonça, expresso o meu agradecimento pelo apoio que me dispensou, quer em ideias, quer em materiais (bibliografia pessoal).

Agradeço a todos os meus professores, em especial os da Secção de Literatura, pelo seu contributo em conhecimentos e materiais bibliográficos.

Às minhas irmãs Regina e Esselina, obrigado pelo apoio moral e material que me deram.

Ao Benedito Cossa e a família, ao dr. Orlando Benzane, ao Zavala, ao Nandinho, ao Sarmento, ao Leandro, ao Farisse, aos colegas e amigos agradeço pela assistência e solidariedade, com que me ajudaram durante as aulas e no presente trabalho.

Quero, por fim, expressar o meu muito obrigado à Filomena (Filó) pela modéstia e encorajamento que não dispensou em nenhum momento do percurso, e à Mércia Lídia pelo relaxamento e motivação que me proporcionou com as suas canções, dança, solicitações e perguntas infinitas.

SUMÁRIO

O presente trabalho consiste num estudo sobre as potencialidades dos procedimentos técnicos-narrativos do estatuto do narrador e da focalização para a expressão da ideologia em *Godido*, de João Dias, e *Portagem*, de Orlando Mendes. E tem como objectivo demonstrar as evidências da articulação entre a técnica narrativa e a ideologia.

Para o cumprimento deste objectivo, operamos com os conceitos de ideologia, narrador, estatuto do narrador, focalização e personagem.

O trabalho subdivide-se em três capítulos:

O primeiro capítulo é uma introdução geral que, além de apresentar o objectivo, a motivação e importância do estudo, a escolha do tema, a hipótese de trabalho e as etapas metodológicas, faz um enquadramento histórico-literário das obras em estudo.

O segundo capítulo destina-se à análise do corpus, que inclui a revisão bibliográfica dos pressupostos teóricos.

O terceiro capítulo é constituído por uma conclusão geral do trabalho.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	pág.i
1.1. Para um enquadramento histórico-literário de <i>Godido e Portagem</i>	pág.i
1.2. Motivação e Importância do estudo	pág.viii
1.3. Escolha do Tema	pág.ix
1.4. Hipótese e objectivo do estudo.....	pág.ix
1.5. Metodologia	pág.x
2. ANÁLISE: Estatuto, Focalização: procedimentos técnico-narrativos ao serviço da expressão de ideologia em <i>Godido e Portagem</i>	pág.1
2.1. Texto literário e ideologia	pág.8
2.2. O Estatuto de Heterodiegeses e a imagem ideológica do narrador	pág.13
2.3. A Focalização interna e a ideologia da personagem	pág.21
2.4. A Focalização omnisciente e a ideologia do narrador	pág.45
2.5. Da Focalização externa à alguns subsídios ideológicos	pág.57
3. CONCLUSÃO	pág.65
4. BIBLIOGRAFIA	pág.69

1. INTRODUÇÃO

1.1. Para um enquadramento histórico-literário de *Godido e Portagem*

Godido e Outros Contos de João Dias¹ e *Portagem* de Orlando Mendes² figuram como obras representativas da Literatura Moçambicana de ficção do tempo colonial. Produzidos durante o segundo período, de acordo com Fátima Mendonça³, os textos em apreço não são alheios ao contexto histórico-literário em que surgiram.

Coincidindo com os acontecimentos que marcaram o apogeu do colonialismo português em Moçambique⁴, o período em referência foi, efectivamente, o que trouxe de forma mais acentuada a diferença entre o europeu e o africano. De facto, com os objectivos postos na acumulação da riqueza, o estado colonial implantou uma estrutura social em Moçambique, que permitia assegurar a reprodução de mão-de-obra barata- principal condição para o sucesso da economia colonial. É assim que, apoiando-se no paradigma "raça", as autoridades coloniais reservaram para as camadas sociais que beneficiavam de alguma forma ou que serviam de intermediários o estatuto de cidadão, enquanto à maioria da população [os indígenas] impunham o trabalho obrigatório. Assim se introduzia a discriminação racial na composição e funcionamento da sociedade moçambicana. Com efeito, sempre movido

¹. Dias, 1988.

Do conjunto de de textos que compõem esta obra, escolhemos apenas um, intitulado "Godido" e que, por seu turno, inclui os excertos "Sonho de Negro" e "Godido (Extra)".

². Mendes, 1981.

³. Cf. Mendonça, 1980. pp.33-45

⁴. História... vol.3, 1993. p.129.

por interesses económicos, o governo colonial português preocupou-se em criar diferentes e eficientes dispositivos que garantissem a absorção completa da mão-de-obra africana, já que a disputa desta envolvia, além do próprio estado colonial, representado na metrópole, os colonos, e a pequena burguesia africana nascente, constituída maioritariamente por afro-europeus (africanos com educação suficiente e bens materiais que lhes permitia a igualar-se aos brancos perante a lei civil)⁵. Importa referir que este grupo de indivíduos, também chamados assimilados, foi estrategicamente criado pelas autoridades coloniais "como uma categoria de separação (diferenciação entre africanos)⁶.

Com efeito, por não perceberem o ardil que o seu estatuto representava (constituia um dos poderosos dispositivos ideológicos da metrópole, para recrutar, controlar e usar a mão-de-obra negra), os *assimilados* tendiam, por um lado, a "inculpar a burguesia europeia local e a população branca em geral pelas injustiças do colonialismo"⁷ e, por outro lado, nutriam desprezo pela maioria negra ou "indígenas".

Para além do assimilacionismo e do indigenato, o estado colonial montou outros dispositivos, com vista a obtenção e exploração da mão-de-obra barata. Tal procedimento consistiu na

⁵. Cf. Penvenne, 1982. pp.1-2

⁶. Idem, *ibidem*.

⁷. Cf. História..., vol.3, op. cit., p.74.

legalização de organizações sindicais⁸ e de movimentos associativos, entre outros. Formados por africanos com o mínimo de instrução, ou seja, entre negros e mestiços *assimilados*, os movimentos associativos surgiram não para pôr em causa a política da metrópole para os africanos em geral (negros colonizados), mas para contestar o colonialismo, nos aspectos que lhes prejudicava, enquanto uma "classe" privilegiada. De facto, "sob a máscara da valorização cultural e promoção intelectual da comunidade negra, o Grémio Africano, e mais tarde a Associação Africana, pugnou essencialmente pela defesa dos mulatos e assimilados, contra a discriminação racial que cada vez mais os atingia"⁹. Como se pode ver, da posição ambigua do Grémio resultava um paradoxo de aproximação e afastamento dos seus membros em relação aos europeus e aos africanos. Mas mais do que isso, essa posição culminou em rupturas dentro da própria associação, dividindo os mulatos (com maior prestígio no seio do grupo) e os negros *assimilados*. Na verdade, o Grémio era constituído por indivíduos que, por um lado, aspirando alcançar o estatuto do europeu de quem dependiam economicamente, e, necessitando de se legitimar politicamente como representantes dos negros, por outro lado, se identificavam, do ponto de vista de posição profissional e de qualificação literária, como uma "classe" pertencente ao mundo dos brancos, urbano e "civilizado", e, do ponto de vista de identidade racial, como negros¹⁰. Semelhante postura foi

⁸. Enfrentando dificuldades na concorrência com a pequena burguesia africana, na conquista dos melhores postos de emprego e outras regalias, o cada vez crescente grupo dos trabalhadores brancos organizou-se em sindicato, para exigir, entre outras coisas, a adopção de barreiras raciais no acesso a esses sectores. E como não convinha ao governo colonial criar polémica com esse grupo, aprovou-se a criação e funcionamento do referido sindicato.

⁹. Cf. História, vol.3, op cit., p.63.

¹⁰. Cf. Moreira, 1997. p.78

assumida pelo Instituto Negrófilo, um movimento associativo formado por negros assimilados, dissidentes do Grémio Africano. Com efeito, os objectivos do movimento definiam-se pela promoção do desenvolvimento material, intelectual e moral dos seus associados e, em geral, de todos os negros portugueses.

Portanto, cisões no seio dos movimentos associativos e posterior formação de novos grupos interessavam deveras à política colonial de "dividir para reinar". Ou seja, o sucesso da economia capitalista colonial, passava necessariamente, como referimos no início, pela expolração de mão- de- obra barata. Situação que levou as autoridades coloniais a adoptarem a estratégia ideológica de discriminação racial, que, por seu turno, conduziu à heterogeneidade social, caracterizada principalmente pelas diferenças de acesso a propriedade (registo de propriedade e licenciamento nos negócios), na competição pelo emprego, casas (zonas residenciais e padrões de construção), saúde e nas facilidades educacionais, entre outros. Diferenças essas que pesavam particularmente à esfera da competição negra¹¹.

Mas, ainda de acordo com Penvenne, essas práticas discriminatórias elevaram a consciência no seio da comunidade negra inteira, que aumentando o cruzamento das classes do racismo, paradoxalmente tendia a unir-se através da diminuição das características de classe que os dividiam¹². É pois essa consciência que, não tendo alcançado sucesso no período inicial, viria, na década de 50, a solidificar-se. Com efeito, "apesar do

¹¹. Cf. Penvenne, op. cit., p.12

¹². Idem, ibidem.

rigor da repressão, a intensificação da exploração rural e das barreiras raciais no trabalho, a crescente divisão e alienação das terras em benefício dos colonos e a discriminação religiosa não podiam deixar de inspirar oposição da parte das camadas mais esclarecidas¹³. Ressurgiam, deste modo, com mais força e objectividade, as diversas formas de contestação contra a ideologia colonial de discriminação e exploração. Contestação essa que para além das greves e motins, manifestou-se sob outras formas, tais como a canção, a música, a dança populares e a literatura¹⁴. Foi precisamente nesse âmbito que jovens intelectuais e artistas encontraram formas, mais ou menos subtis, de criticar ao regime colonial português, contribuindo para a evolução do conceito da nação moçambicana e da cultura nacional¹⁵. A literatura, por ser o meio de comunicação mais imediato e menos dispendioso, foi a forma mais utilizada nessa acção de contestação, levada a cabo principalmente pelos "filhos da terra, discriminados pelo sistema colonial, integrando pretos, brancos e mulatos"¹⁶. Dentre esses filhos da terra destacam-se José Craveirinha, Noémia de Sousa, João da Fonseca Amaral, Rui Knopfli, Rui Guerra, Rui Nogar, entre outros. Estimulados pela atmosfera pós II guerra mundial¹⁷ e pelo amadurecimento das ideias pró-negras do pan- africanismo, do nacionalismo.

¹³. Cf. História, vol.3. p.197

¹⁴. Ibidem, p.198

¹⁵. ibidem, pp.231-232

¹⁶. Ibidem, p.226.

¹⁷. No referido período formou-se, em Moçambique, o MDJM, Movimento dos Jovens Democratas Moçambicanos. Composto por Sobral Campos (líder), Sofia Pomba Guerra, Raposo Beirão, João Mendes, Ricardo Rangel e Noémia de Sousa. O movimento tinha como objectivo "combater as grandes injustiças sociais de que estavam a ser vítimas os trabalhadores por parte dos patrões... (e)... promover a unidade de todos os africanos...". (ibidem, p.202).

africano, da negritude, este grupo de jovens produziu uma literatura "marcada por uma rejeição da cultura colonial"¹⁸. Trata-se, de acordo com Orlando Mendes, de "um movimento constituído por africanos e descendentes de colonos, que assumindo atitudes de inconformismo com a política colonial solidariza-se com as aspirações populares e apresenta-se como porta voz intelectual do nacionalismo"¹⁹. Nasceram deste modo as primeiras tentativas sistematizadas de "criação de um espaço literário nacional"²⁰. De salientar que a generalização do interesse pelo espaço e vida nacionais, entre os signatários da actividade literária do segundo período, teve, do ponto de vista estético-literário, a influência dos ensinamentos do neo-realismo português, trazidos para Moçambique quer por portugueses que continuavam a chegar ao país, quer por estudantes moçambicanos naquele país da Europa²¹. Difundido a partir da década de 30, o neo-realismo afirma-se como uma nova focagem da realidade portuguesa, com objectivos postos na conscientização e dinamização de classes sociais mais amplas²². Com efeito, enquanto em Portugal o cumprimento destes objectivos impunha ao movimento neo-realista a tarefa de "criticar o elitismo pedagógico proudhoriano-anteriano e dos democratas da Seara Novo

MOURA, Graziela A. C. de. Citações e refer. de doc. E lectronicos em linha
 URL: www.elogica.com.br/lisais/gmauro/refer.html 17/02/2007

¹⁸. Ibidem, p.225

¹⁹. Mendes, 1980. p.31

²⁰. Cf. Mendonça, 1980. p.38. O carácter nacional da Literatura deste período é confirmado também por estudiosos como Russel G. Hamilton, (cf. Hamilton, 1984. p.15), Orlando Mendes (cf. Mendes. 1980, p.47).

²¹. O advento do neo-realismo português em Moçambique foi veiculado, por exemplo, por "O Novo Cancioneiro" (cf. Mendonça, 1980. p.38) .

²². Cf. Saraiva e Lopes, s/d. p.1078

os anos 20"²³, em Moçambique, o programa do neo-realismo contribuiu na consciencialização e dinamização da população africana, com vista a contestação do quadro social vigente, o da colonização e de exploração. Caracterizando o contributo do neo-realismo na produção literária do período em referência, Pires Laranjeira afirma: "O Neo-realismo e, no caso dos africanos, a Negritude surgiram no mundo actual como respostas estéticas de sectores sociais e culturais com uma perspectiva histórica de consciência dos problemas da generalidade do povo trabalhador (sobretudo os operários, camponeses e todos os trabalhadores assalariados, de baixos rendimentos e vida precária)"²⁴. A característica programática deste movimento reforçou ainda mais a já visível tendência temático-ideológica protestatária da produção literária do segundo período. Portanto, pela sua coesão sobretudo temático-ideológica, inspirada na tomada da consciência nacionalista anti-colonial, a produção literária dos anos 50 assumiu-se como uma "série literária" em correlação com outras séries vizinhas, nomeadamente a vida social²⁵.

⇒ Seguindo às análises de Tynianov, Godido e Portagem, enquanto obras particulares postas em correlação com a respectiva "série literária", reflectem a realidade da vida social, outra série que as condicionou. Ou por outra, a realidade social afirma-se, empregando os termos de Carlos Reis, como "inspiradora primeira da produção literária"²⁶. Portanto, Godido e Portagem

²³ . *Ibidem*, p.1078

²⁴ Laranjeira, *op. cit.*, p.227

²⁵ . Cf. Todorov, 1987. p.137

²⁶ . Reis, 1983, p.49

marcam o início da ficção "neo-realista" em Moçambique.

1.2. Motivação e Importância do estudo

Tomando em consideração o contexto histórico-literário em que se produziram, *Godido* e *Portagem* pertencem, de acordo com Fátima Mendonça²⁷, a um dos mais dinâmicos momentos da nossa história literária antes da independência. Momento esse, caracterizado pelo domínio da poesia. Na parte da narrativa, produziu-se só as obras em estudo e o livro de contos *Nós Matámos o Cão Tinhoso* (1964)²⁸, de Luis Bernardo Honwana. Portanto, pouco foi feito. Quanto ao estudo ou outro tipo de reflexões sobre estas escassas obras, também quase nada se fez, até hoje. com efeito, das obras ora em estudo, apenas *Godido* mereceu uma reflexão sistematizada²⁹. Como consequência dessa ausência de estudos, as obras citadas estão sendo progressivamente esquecidas.

Face à sua dimensão (ambas são consideradas obras representativas do período literário em que surgiram), face à situação de "abandono", devido a ausência de estudos, quer ao nível da análise e crítica literária, quer ao nível das instituições do ensino, achamos relevante um estudo sobre *Godido*

²⁷. Mendonça, *op. cit.*, p.37

²⁸. Referindo-se à superioridade numérica da poesia em relação às outras formas literárias do segundo período, Orlando Mendes afirma que ela se deveu ao facto de ser a que melhor pode sensibilizar e que permite contundir o inimigo com menores possibilidades de repressão, circular mais facilmente pelo país, a partir das cidades onde se elabora. (cf. *op. cit.*, 1980. p.36). Mais do que esclarecer a dominância da poesia, o autor traça nesta passagem as principais linhas temáticas da literatura produzida no período em referência: "sensibilizar" e "contundir o inimigo" são algumas das aspirações temáticas dos poetas desse tempo.

²⁹. Intitulado Proposta de Edição comentada do texto de João Dias Godido, o referido estudo foi apresentado, sob forma de trabalho de projecto, por Luis Vasconcelos Pedro, para a obtenção do grau de licenciatura em Linguística, à Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Dezembro de 1996.

e *Portagem*. Acreditamos, portanto, que o mesmo contribuirá para a valorização das próprias obras e, por conseguinte, da Literatura Moçambicana. Por outro lado, ele interessará directamente aos estudantes e professores da Língua Portuguesa, sobretudo do ensino secundário e médio.

1.3. Escolha do Tema

Marcados, historicamente, pelo apogeu da polaridade colonizador vs colonizado, por um lado, e influenciados pela doutrina do neo-realismo português, por outro, *Godido* e *Portagem* apresentam determinados aspectos, cujo estudo se nos afigura produtivo. Referimo-nos, por exemplo, à riqueza temático-ideológica que ambas detêm. Mas porque a temática e a ideologia, consideradas enquanto códigos paraliterários, contribuem para a compreensão cabal da dinâmica dos códigos técnico-literários, a combinação dos dois tipos de códigos torna-se inevitável. Neste sentido, propomos para tema do presente trabalho, a análise do estatuto e da focalização, enquanto procedimentos técnico-narrativos ao serviço da expressão de ideologias em *Godido* e *Portagem*.

1.4. Hipótese e objectivo de análise

Na leitura que fizemos de *Godido* e *Portagem* verificamos que o estatuto e a focalização constituem vectores da (con)textura ideológica naqueles textos. Tal constatação levou-nos a formular a seguinte hipótese de trabalho:

-há evidências de uma articulação entre a técnica narrativa e a ideologia em *Godido* e em *Portagem*.

Partindo desta premissa, procederemos à análise do corpus, constituído pelos textos *Godido* e *Portagem*, movidos pelo interesse em demonstrar as evidências da articulação entre a técnica narrativa e a ideologia nas obras em estudo.

1.5. Metodologia

Assim formulado, o objectivo do estudo remete para o discurso. Deste modo, a análise dos textos escolhidos incidirá sobre as categorias do narrador e da personagem, enquanto instância produtora do discurso e agente dos acontecimentos que dão corpo ao discurso, respectivamente. Assim, de acordo com esta proposta, a análise obedecerá às seguintes etapas metodológicas:

A anteceder a análise propriamente dita, procederemos à apresentação do corpus, onde nos referiremos ao desenvolvimento temático-estrutural de cada obra. No mesmo lugar faremos uma breve abordagem teórica do conceito de ideologia. Posto isto, entraremos propriamente para a análise dos textos. Em primeiro lugar desenvolveremos a análise orientada para o estatuto do narrador, onde nos interessará as implicações ideológicas decorrentes do tipo de contacto do narrador com a história. No segundo sub-capítulo, analisaremos os textos à luz da focalização interna, com vista a deduzirmos os posicionamentos ideológicos subjacentes à subjectividade da personagem. No terceiro sub-capítulo, a análise centrar-se-á na focalização onisciente, onde, de novo, o objectivo será inferir as insinuações ideológicas do narrador. O mesmo objectivo norteará o quarto sub-capítulo, no qual deslocaremos o foco da análise para a focalização externa. E, com uma breve conclusão encerraremos a

análise.

Como se vê, o desenvolvimento destes itens exige manuseamento dos conceitos de narrador, personagem, focalização, estatuto, ideologia, entre outros. E uma vez que qualquer trabalho científico requer a eficácia dos conceitos operatórios, a clarificação destes constitui um passo metodológico obrigatório. A fim de ilustrarmos com exemplos a nossa explanação seguimos uma metodologia que engloba, ao mesmo tempo, a discussão dos conceitos operatórios (revisão bibliográfica) e a análise do corpus.

2. ANÁLISE: Estatuto e Focalização: procedimentos técnico-narrativos ao serviço da expressão da ideologia em *Godido e Portagem*

Godido e Portagem desenvolvem ambos a temática de contestação do sistema colonial de exploração. Contudo cada um fá-lo de maneira particular.

Composto por três excertos¹ (*Godido, Sonho de Negro e Godido (extra)*), o texto de João Dias levanta uma problemática social, originada pela convivência conflituosa de dois grupos heterogêneos e sobretudo opostos um do outro, em quase todos os domínios: racial (brancos vs negros); sócio-económico (exploradores vs explorados); educacional e cultural (instruídos vs não instruídos), etc. A representar este cenário desfilam várias personagens. Entre estas, destaca-se *Godido* que, tomando todas as iniciativas da história, assume a função de personagem central. O destaque conferido a esta personagem, confirmado desde o título da obra até ao texto em particular, é também testemunhado por Orlando Albuquerque, quando, no préfácio à 1ª Edição da obra em estudo, escreve: "*Godido*, o personagem principal dos divesos contos, iria passando de uns para os outros, estabelecendo assim um fio de ligação entre eles e dando-lhes certa unidade..."². Nos três excertos que compoem o texto

¹ A incipiência de iniciante nos círculos literários, aliada à idade muito jovem do autor (João Dias começou a escrever aos dezasseis anos, sendo *Godido e Outros Contos* a sua única obra, organizada e publicada postumamente por iniciativa de seus amigos) e ao estado inacabado do texto, pode estar na origem da sequência estrutural pouco clara dos excertos. Paralelamente a este problema existe o das dificuldades encontradas na indicação do género literário a que o texto pertence. Com efeito, alguns consideram-no um conjunto de contos articulados entre si. Outros, apoiando-se em alguns dados estruturais, nomeadamente, elevado número de personagens, espaços diversificados, maior grau de elaboração do tempo do discurso, vinculam-no ao género do romance.

² Cf. Dias, 1989. p. iv.

em estudo é notória não só a presença de Godido, mas também a função aglutinadora que este exerce sobre os mesmos.

→ Assim, é sobretudo em *Godido* que o narrador concentra a sua atenção. Nos excertos *Godido e Godido (extra)*, a personagem é acompanhada desde o seu nascimento, na *Senzala*, até à sua fixação na cidade, onde, tal como acontecera no campo, enfrenta e contesta a crueldade do sistema colonial. E em *Sonho de Negro*, o discurso do narrador representa Godido fazendo uso da força com vista a abolição do sistema colonial de exploração.

→ O narrador, neste texto, não só conta a história, mas também intervém, criticando, filosofando, tomando posição³. Com efeito, várias são as ocasiões em que prevalece a opinião do narrador sobre as personagens e sobre o que estas fazem. Isso verifica-se mais quando se trata da personagem central⁴. É o que acontece, por exemplo, nos excertos *Godido e Godido (extra)*, em que a figura de Godido é alvo das manipulações do narrador, que ora lhe inculca qualidades e/ou defeitos, ora lhe atribui atitudes e/ou sentimentos. Por exemplo, na seguinte passagem de previsão onírica do nascimento de Godido, o narrador alude às qualidades heróicas de Godido: "Nascera um quase-Deus..." (p.15); "... o mesmo negro feito Gungunhana destoutras gerações" (p.16). (De realçar que Gungunhana foi o último imperador do império de Gaza, e consolidou o seu heroísmo na luta de resistência contra

³. Cf. Ferreira [Manuscrito]. p.7.

⁴. Paralelamente aos factores que têm a ver com o estatuto do narrador e a focalização (retomaremos estas questões proximamente), outros de natureza diversa justificam o papel, quase de acessoria, do narrador sobre o protagonista. Referimo-nos, por exemplo, a idade adolescente de Godido, a falta de instrução (Godido não frequentou nenhuma escola), ambos concorrentes para o estreitamento da sua cosmovisão. Enquanto que, em contrapartida, o narrador se nos revela adulto, instruído e com uma visão ampla e sólida do mundo.

a presença estrangeira em Moçambique). Noutras ocasiões o narrador antevê, avaliando ele próprio, a vida que a personagem levará: Viverá a vida inteira camuflado como os carros de assalto, propagando o mal aos seus descendentes (p.19), chegando mesmo a insinuar sentimentos e explicações que Godido daria ao seu destino: Ele que nascera e vivera na escravatura pedia graça de <<dominus>>" (p.22); "nascera rei nas costas da mãe, fora ditador onde a mãe não fora mais que o povo oprimido" (p.20); "E porque daquela boca (...) tinha saído uma prece de compaixão, um pedido de graça, ali estava ele amarrado à imundície" (p.22).

DOMINUS

No entanto, em determinados momentos, o narrador cessa significativamente o seu controlo sobre a personagem central. Isso sucede, por exemplo, no excerto Sonho de Negro, no qual, em forma de sonho, Godido experimenta uma acção com vista a pôr fim ao sistema colonial de exploração. Na referida acção, a personagem central derrota em luta o branco Antunes que, nesse contexto, representa metonimicamente todos os agentes do sistema colonial: "O corpo sem vida atirou-o, ao acaso, para o automóvel" (p.33).

Godido
ger por
fim o
sistema
colonial

Deste modo, os excertos *Godido* e *Godido (extra)* documentam ambos o nascimento de Godido na Senzala, a sua infância completada na cidade- lugar onde mais tarde se fixou, expondo-se a todas as barreiras que caracterizaram a sociedade colonial. Por seu turno, o terceiro excerto (segundo a ordem cronológica do livro) Sonho de Negro desenha o desejo (realizado em sonho, daí o título do excerto) de Godido de acabar com o sistema colonial de exploração, contestado ao longo dos dois primeiros excertos.

quer
a acabar
com o

Também em *Portagem*, sob a temática de contestação,

movimentam-se basicamente dois grupos heterogêneos de personagens. Entretanto, em termos de "raça"- um dos principais requisitos utilizados na hierarquização social nos anos 50- distinguem-se, três grupos: o grupo formado por brancos, o grupo formado por negros e o grupo constituído por mulatos. Todavia, na estrutura política colonial, este último geralmente recebe o mesmo tipo de tratamento dado aos negros. À semelhança ainda de *Godido*, o centro da intriga está no confronto que as personagens travam, devido às diferenças entre si, quer em termos de origem, posição social, quer do ponto de vista da sua cosmovisão.

À medida que os acontecimentos evoluem em Portagem, uma personagem evidencia-se. Trata-se do mulato João Xilim, cuja vivência aventureira e atribulada atravessa toda a história. De facto os vinte e oito capítulos que compõem a obra, embora marcado cada um por uma determinada personagem, encontram-se interligados pela esfera de João Xilim. Logo no primeiro capítulo, a origem mista (pai branco, mãe negra) de João Xilim constitui mais um argumento da velha Alima ao reprimir a filha Kati por esta viver junto e sob ordens do homem branco: "Você tem um filho que anda na terra do branco, metido com os branco, não é? Ih! Ih! Ih!... um filho de tua barriga que é filho dum branco! Um filho para aprender todas coisas de branco" (p.13). Por outro lado, é João Xilim quem sofre directamente os efeitos da discriminação racial- principal estratégia da política colonial de exploração: "Proibiram-nô de ir brincar com os meninos da sua idade (...) ele deveria ser apenas o moleque das limpezas e, nas horas vagas, única companhia para a infância de Maria Helena" (p.16); "Este moleque parece-me esperto demais. Além disso é

mulato . E não gosto nada desta raça. São mais falsos que os pretos" (p.17). (Cf. também pp.32, 33, 53, 64, 74, 98 e 112). Outro elemento que justifica a função vectorial de João Xilim é o conjunto das constantes rememorações de passagens mais importantes da sua vida⁵. Enfim, toda a trajectória de Xilim, e por conseguinte a história de Portagem, encontra-se resumida nessas passagens. De facto, é sobretudo nessas rememorações que vemos um João Xilim: (i) desejoso de descobrir a sua identidade. " E recorda-se que fora naquele verão que se apercebera de uma realidade que viera a marcá-lo do ventre de sua mãe. Ele não era negro como a outra gente nascida na terra do Marandal" (p.21). (ii) rejeitado e marginalizado quer em Marandal (sua terra de origem), quer noutras regiões por onde passou⁶. "E viu que o menino do Marandal estava ainda crescendo para ser um homem sem lugar próprio na sua terra, porque fugira do Marandal e era filho da negra Kati que se entregara ao patrão Campos e fora moleque da menina Maria Helena" (p.26). (iii) ensaiando uma vingança. "Todas as recordações têm, contudo, novamente o sentido antigo. Precisa de vingar-se dos que lhe fizeram sofrer" (p.79). Ou (iv) conformado, por fim, com o seu destino atribulado. "Todas as raivas da sua vida passam-lhe, uma a uma, pela memória. Não, não tem nada que se arrepende. Cumpriu fielmente o seu destino. Foi

⁵. Carmen Lydia de Sousa Dias designa essas passagens por "momentos" e caracteriza-os como diversos e intercomplementares onde as fases cruciais da vida de João Xilim são rememoradas uma a uma, e, a cada nova repetição, são acrescentados os novos conflitos advindos de outras circunstâncias adversas. De acordo com a articulista, é possível compilar, no decorrer da história, cerca de dez momentos. (Cf. Sousa Dias (s/d). p.76).

⁶. Nessas regiões, Xilim verifica que como ele outras pessoas são também marginalizados: "Embarcou como moço de limpeza num cargueiro que se destinava ao porto do sul. Ali deram-lhe licença para desembarcar e viu os seus irmãos mulatos e negros que trabalhavam no cais e nas fábricas e eram tão subtraídos à civilização como os negros do Marandal." "O fogueiro Jaime era um homem da cidade, vivera uma infância aventureira nos subúrbios, crescera vadio entre meninos negros, chineses, indianos, mulatos e brancos, todos eles mais ou menos repelidos por quem lhes deveria afecto." De referir que além destes cenários reportados no âmbito das rememorações da vida do protagonista, ocorrem outras situações em que personagens são discriminadas e desprezadas pelo sistema. Tais são os casos de Campos (pp.35 e 36), Maria Helena (pp.88,89), Esteves (pp.99, 100 e 101), Borges (pp.127 e 157).

sempre ele, o mulato, um homem clandestino: na barriga da mãe, moleque em casa de D.Laura, menino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra entre os sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido" (p.160).

A par do realce conferido à personagem central, denota-se em *Portagem* uma presença forte e activa do narrador. Com efeito, este não só narra a história, como também cumpre com a tarefa de supervisionar as suas personagens ficcionais, segundo observa Carmen Lydia de Sousa Dias⁷. É no âmbito dessa supervisão que o narrador ora conjectura: "No entendimento dos negros da mina do Marandal, João Xilim é o patricio que emigrou e aprendeu a ser diferente deles" (p.15); "Às vezes, um e outro entende que João Xilim conheceu divesos padrões da condição humana" (p.31). Ora sugere prática de determinados actos: "E compreende que precisaria de realizar um acto violento para escapar à necessidade dessas perguntas ou obter resposta para elas" (p.39). Ora recrimina algumas atitudes: "Não é que ninguém iria compreender essas coisas mesquinhas que são a razão do cansaço da vida toda de João Xilim?" (p.107).

Como se pode perceber nos segmentos textuais acabados de transcrever, a supervisão do narrador incide mais sobre João Xilim, o que prova a atenção que aquele dedica ao protagonista, por um lado, e confirma a diferença que se impõe entre os dois, por outro lado. De facto, o discurso em *Portagem* é produzido por um narrador adulto, experiente, com elevado nível de

⁷. Cf. Sousa Dias, s/d. p.71.

conhecimentos e detentor de uma visão do mundo ampla. Em contrapartida, o protagonista cujas capacidades de intervenção, experiência, visão do mundo são adquiridas em função do seu desenvolvimento: João Xilim entra para o cenário dos acontecimentos ainda na idade infantil. Porém, atinge o final da história na idade adulta. A estes factores junta-se o facto de não ter recebido qualquer tipo de instrução.

Em função do exposto, verificamos que na estruturação de Godido e de Portagem dois elementos se evidenciam: o narrador e a personagem. Deste modo, consideradas do ponto de vista da sua visão do mundo, e, tendo em vista o objectivo deste estudo (demonstrar as evidências da articulação entre a técnica narrativa e a ideologia), ambas as categorias dominam o campo de análise.

Nesta parte final da apresentação do corpus, importa referir que o mesmo não pode ser interpretado apenas do ponto de vista das semelhanças (a temática, os processos técnico - discursivos: estatuto e focalização). Deve também ser analisado em termos das diferenças, que se patenteiam desde a heterogeneidade autoral (a personalidade de João Dias não é, naturalmente, a mesma que a de Orlando Mendes), até à forma particular como cada um dos textos se organiza, passando pela dissemelhança dos cenários em que os acontecimentos se desenrolam.

Portanto, face a essas semelhanças e diferenças, que a análise procurará respeitar, adoptamos a estratégia de abordagem paralela.

2.1 Texto literário e ideologia

As relações entre literatura e ideologia têm sido marcadas por diferenças de opiniões. Com efeito, para alguns, pouco ou nada justifica tais relações, porém para outros, as mesmas merecem um lugar de realce. Todavia, achamos que seguir a discussão em si destas posições afasta-nos do âmbito do nosso trabalho, cabendo-nos apenas defender, com Carlos Reis, que a articulação entre literatura e ideologia é relevante, "sobretudo quando estão em causa as criações de artistas que marcaram indelevelmente as épocas em que surgiram"⁸.

Discutidas sob vários ângulos, as relações entre literatura e ideologia alcançaram um vasto campo de estudos teóricos, sobretudo por aqueles que reconhecem a sua pertinência. Nesse campo estão inclusas as elaborações da estética marxista, das quais derivam muitas das reflexões sobre a matéria. De facto, grande parte dos trabalhos que se seguiram às abordagens de Karl Marx, fundamentadas na categoria do *reflexo*, tomaram esta categoria como elemento de referência. A categoria materialista do *reflexo*, observa Maria Alzira Seixo, tem sido desde sempre, ou deturpada segundo uma concepção que a identifica com a imagem directa e lhe atribui características de representação, ou evitada por incómoda e incompreendida"⁹. Desta situação resulta uma heterogeneidade no tratamento da questão, heterogeneidade essa associada também às formas diferenciadas de encarar os conceitos de literatura e de ideologia, por estudiosos de

⁸. Cf. Reis, 1983. p.233.

Esta situação, descrita por Carlos Reis, assemelha-se a das obras em estudo, pois, elas são representativas do segundo período da Literatura Moçambicana do tempo colonial, por isso, os seus autores constituem uma referência obrigatória desse período.

⁹. Cf. Seixo, 1976. p.15.

diversos quadrantes e escolas. A título de exemplo, uma diferença de concepção de grau do conceito de literatura, segundo a leitura de Maria Alzira Seixo¹⁰, coloca Étienne Balibar e Pierre Macherey num extremo, e Júlia Kristeva noutro. Para aqueles, a literatura é produto de uma prática social. Como tal, o texto literário é um operador de uma reprodução da ideologia no seu conjunto. Noutro extremo, Júlia Kristeva, entendendo literatura como prática semiótica, considera o texto literário o lugar em que a significância como prática pode fender a ideologia. Por seu turno, W. Ditley, seguindo uma análise de orientação sociológica, sustenta que a poesia (literatura), enquanto produto da vida cultural de uma época, exprime directamente uma concepção do mundo¹¹. No que respeita à concepção da ideologia, basta referir que esta pertence ao vasto domínio da cultura. E, decorrendo deste factor, diversas perspectivas têm sido adoptadas na formulação do respectivo conceito. A Filosofia, a Política, a Sociologia, são algumas das áreas responsáveis pelo aparecimento dessas perspectivas.

A consequência imediata da heterogeneidade verificada nas reflexões sobre as conexões entre literatura e ideologia é o surgimento e adopção de diferentes, e por vezes inapropriados, enfoques na análise de textos literários. Deste modo, pensamos que uma clarificação dos conceitos de literatura e de ideologia, pela via de definições, poderá minorar o problema. Todavia, dada a multiplicidade de perspectivas sobre estes conceitos, torna-se difícil encontrar definições restrita e invariavelmente válidas.

¹⁰. Cf. op. cit., p.16.

¹¹. Cf. Varga, 1981. p.22.

Atento a este facto, Terry Eagleton alude-o na sua discussão sobre o conceito de ideologia, começando por afirmar que "o termo ideologia tem um conjunto de significados úteis, os quais nem todos são compatíveis uns com os outros"¹². A seguir, o autor de *Ideology* procede a uma listagem de cerca de dezasseis definições, correntemente em circulação, para o conceito de ideologia.

Após a pesquisa bibliográfica sobre o assunto, verificámos que de um modo geral as definições de ideologia tendem a considerá-la um sistema instituído para manter a ordem instalada num grupo determinado. Tal é o que se depreende, por exemplo, nas seguintes formulações: "ideologia é um sistema de representação doptado de uma existência e de um papel histórico no seio de uma dada sociedade"; ou "sistema de ideias e de juízos explícitos e geralmente organizados que descrevem, explicam, interpretam ou justificam a situação de um grupo social ou de uma colectividade"¹³. Também é notória, na maioria das definições, a tendência de associar a ideologia à 'classe' ou grupo dominante. O que quer dizer, por outras palavras, que só a 'classe' dominante, aquela que detém o poder, é que pode gerar ideologia, como advogam os estudos marxistas das relações sociais.

Ora, quer a vinculação da ideologia a um determinado grupo ou 'classe', quer a sua função (manter a ordem), são questões de natureza teórica, nem sempre passíveis de aplicação directa em determinadas situações reais e práticas, como é o caso dos textos em estudo. Este facto leva-nos a perfilhar a noção de ideologia,

¹². Cf. Eagleton, 1991. p.1.

¹³. Cf. Louis Althusser e Gruy Rocher, respectivamente, citados por Reis, 1983. p.250.

proposta por Fredric Jameson, por nos parecer operacional. Para este autor, "toda a ideologia, no sentido mais forte, incluindo as formas mais exclusivas da consciência da classe dominante, assim como das classes opostas ou oprimidas, está no seu sentido muito utópico natural"¹⁴. Consideramo-la operacional porque alarga o âmbito de alcance da ideologia (as anteriores definições associam a ideologia apenas à classe dominante), para além de conferir o sentido utópico à ideologia. Utópico, não na acepção aludida por Pires Laranjeira (remeter para "um modelo ou devir ilocalizável")¹⁵, mas como manifestação de "uma consciência emergente de classe, resultante da luta entre grupos ou classes"¹⁶. Parece pois ser a consciência emergente do grupo dos desamparados, oprimidos, vitimados por um inimigo comum (utilizando as palavras de Jameson), isto é, "ideologia no seu sentido mais utópico", ou, "contra ideologia", para Marilena Chaui¹⁷, que subjaz à temática de contestação do sistema colonial de exploração e discriminação, dominante nos textos em estudo¹⁸.

✱ Posto isto, a pergunta que fica é: de que forma é que a expressão ideológica se realiza no texto literário narrativo? Esperamos responder a esta questão na análise que a seguir desenvolvemos. No entanto, devemos assinalar que os avanços verificados, quer na teorização literária, quer nas ciências de comunicação, contribuem para uma maior aceitação da actual

14. Cf. Jameson, 1981. p.289.

15. Cf. Laranjeira, 1995. p.217.

16. Cf. Jameson, op. cit., loc. cit.

17. Para esta estudiosa brasileira, o conjunto das ideias que surgem para esclarecer o real mistificado pela ideologia do poder, as análises que desmistificam a dominação no plano das ideias formam uma contigüa ideologia, (cf. Chaui, 1981. p.93).
 18. Pertencendo ambas ao domínio paraliterário, a temática e a ideologia mantêm entre si relações de afinidade. Carlos Reis sublinha este aspecto, quer em Técnicas de Análise Textual (1981. p.408), quer em O Discurso ideológico do Neo-realismo português (tese de doutoramento, 1983. p.480).

concepção da literatura, como um sistema de comunicação¹⁹. Esta concepção tem a vantagem de, por um lado, permitir ver a literatura como uma instituição autónoma, isto é, como um sistema modelizante secundário e de aumentar o campo da interacção da literatura com outros sistemas do universo cultural, por outro lado. Não é por acaso que Aguiar e Silva considera que "o texto literário é sempre *codificado pluralmente*", isto é, codificado, para além de uma determinada língua natural, com a intervenção de outros códigos como o métrico, o estilístico, o retórico, o ideológico²⁰. Também não carece de fundamento a afirmação de Gilberto Matusse, segundo a qual, "a Literatura, como sistema, potencia a representação do mundo e, assim também a concepção que dele se tem". O autor argumenta dizendo que "um texto particular [literário], ao actualizar as virtualidades que o sistema lhe oferece, evoca uma parcela da totalidade que é o mundo, e na superfície dessa evocação são detectáveis signos que indiciam ou explicitam a adesão a determinados valores ideológicos e/ou a rejeição de outros..."²¹. Nesta citação longa faz-se referência a alguns mecanismos de expressão da ideologia no texto literário. Com efeito, "os signos que indiciam ou explicitam a adesão a determinados valores ideológico, ou rejeição de outros" são regulados, no caso do texto literário narrativo, por códigos técnico- narrativos, tais como o estatuto do narrador, a focalização, entre outros requeridos na configuração do discurso.

¹⁹. Sobre esta matéria, cf. Aguiar e Silva, op. cit., pp.90-96.

²⁰. Cf. op. cit., p.26.

²¹. Cf. Matusse, 1986. p.69.

2.2. O estatuto da heterodiegese e a imagem ideológica do narrador

Comprovada pelas várias reflexões até hoje feitas, a categoria do narrador, pela sua importância na sintaxe narrativa, conserva uma longa tradição. Aguiar e Silva, recuando até as análises de Platão sobre a 'diegese' e a 'mimese' poéticas, define o narrador como uma "instância doadora do discurso."²² Por seu turno, Carlos Reis e Ana Cristina Lopes²³ definem o narrador como entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso. As duas asserções convergem ao apontarem para a natureza intratextual (ficcional) do narrador e sublinham a sua principal e exclusiva função de produzir o discurso. O cumprimento desta função pelo narrador desencadeia um conjunto de relações entre si e a história. Esse facto leva a que se questione a atitude ou <<situação do narrador relativamente ao enunciado que a sua narração produz>>²⁴. Aqui emerge a questão do estatuto do narrador.

À semelhança do que sucede com os outros códigos técnico-narrativos, o conceito de estatuto do narrador mereceu e continua a merecer largos estudos, com vista à sua melhor clarificação. Como resultado desse percurso, várias terminologias foram adoptadas. Desta feita, a discussão do problema tem sido feita, basicamente, sobre o aparelho terminológico. É assim que designações como <<narrador na primeira pessoa>> e <<narrador na terceira pessoa>> (usualmente empregues nas escolas), <<narrador pessoal>> e <<narrador impessoal>>, depois de terem dominado a

22. Cf. Aguiar e Silva, 1988. p. 695.

23. Cf. Reis e Lopes, 1987. p. 249.

24. Cf. op. cit., loc. cit.

teoria e a crítica literárias, foram posteriormente alvos de questionamento. O principal defeito apontado é a ineficácia que revelam, sobretudo os termos gramaticais de <<primeira pessoa>> e de <<terceira pessoa>>, ambos fulcrais nesse sistema classificatório. Com efeito, tais noções originam confusões de ordem conceptual, que se reflectem na interpretação do problema. É Genette quem veio a pôr termo a essas confusões, distanciando-se das noções que as originaram. Escreve Genette que "a presença, explícita ou implícita, da <<primeira pessoa>> do narrador só pode estar na sua narrativa, tal como qualquer sujeito de enunciação no seu enunciado, na <<primeira pessoa>>"²⁵ (o sublinhado é nosso). Partindo deste princípio, para nós óbvio, o autor de *Figures III*, considera que "a persona do narrador não deve ser caracterizada e definida em função de formas gramaticais, mas em função do seu estatuto narrativo"²⁶. Esta perspectiva, diz com razão Carlos Reis²⁷, privilegia o enquadramento do narrador em relação à diegese. É em função desse enquadramento que o narrador deixa marcas da sua subjectividade no discurso, abolindo deste modo a ideia absurda da sua neutralidade perante os acontecimentos que narra²⁸. Se insistimos na questão da subjectividade, é porque esta determina os posicionamentos ideológicos do narrador. Obviamente que o grau de subjectividade de um narrador inserido na história que conta será diferente da manifestada por um narrador ausente da história; será também diferente da daquele narrador que participa na história como personagem principal.

25. Cf. op. cit., p. 243.

26. G. Genette, citado por Aguiar e Silva, op. cit., p. 761.

27. Cf. op. cit., (1981) p. 48.

28. Reagindo contra as posições contrárias à irrupção da subjectividade do narrador no discurso, Carlos Reis qualifica a possível neutralidade do narrador de utópica (cf. Reis, 1981. p.80).

É neste sentido que se torna necessário neste local determinar, do ponto de vista do estatuto, o narrador que produz o discurso em *Godido* e em *Portagem*. Para o efeito, adoptamos a tipologia, estabelecida por Genette, ao culminar a sua crítica às conceptualizações sobre o conceito de estatuto do narrador:

a) **Narrador homodiegético**: narra uma história na qual tomou parte, como personagem secundária. Portanto, este tipo de narrador cumpre dois papéis distintos: o de contar e o de praticar eventos. No entanto, observa Genette²⁹, se o narrador participou na história que narra, como personagem principal, o seu estatuto é **autodiegético**. Portanto, este estatuto é uma espécie de sub-tipo da homodiegese.

b) **Narrador heterodiegético**: por oposição ao narrador homodiegético, o narrador heterodiegético é aquele que narra uma história na qual não tomou parte. Isto é, não integra o elenco das personagens dessa história. A mesma noção apreende-se na seguinte asserção de Carlos Reis: o narrador heterodiegético cumpre a sua função enquanto entidade ausente do plano dos actantes³⁰, ou, como diz Aguiar e Silva, o narrador é classificado como heterodiegético se não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese, se não participa, por conseguinte, na história narrada³¹.

⇒ Uma leitura de *Godido* e de *Portagem* revela-nos que o discurso de cada um deles está a cargo de um narrador "ausente do plano dos actantes". Daí a relação de alteridade entre si e a história; daí uma autoridade quase inquestionável desse

29. Cf. op. cit., p. 244.

30. Cf. op. cit., (1981), p. 26.

31. Cf. op. cit., p. 761

narrador³², permitindo-lhe a exibição de um saber que não compartilha com a personagem, como acontece, por exemplo, nos seguintes exemplos:

→ heterodi exemplo
 "Ele, que nascera e vivera na escravatura, e pedia a graça de <<dominus>> e chamavam-no um revoltado, inflamado de ideias enciclopedistas. Não sabia ler nem conhecia de vista a metafísica mas era partidário de Diderot" (Godido³³, p. 22).

"A família Santos não vivia como as grandes massas miseráveis nem com as comodidades de Henri Ford. Era daquelas famílias condenadas a não ficar na História" (G, p. 23).

Estabelecendo relações alegóricas entre a época de escravatura e a vivência do protagonista, ou fornecendo detalhes sobre a situação económica da família Santos, o narrador critica o esquema de vida montado pelo sistema colonial. Portanto, beneficiando da posição inquestionável que o estatuto heterodiegético lhe confere, o narrador exprime o seu posicionamento ideológico. Para tal serve-se da situação das próprias personagens³⁴, quer utilizando um discurso científico-filosófico³⁵ ("pedia graça de <<dominus>>; ideias enciclopedistas; metafísica; partidário de Diderot"), quer emitindo uma opinião depreciativa ("Era daquelas famílias condenadas a não ficar na História"). Com efeito, se por um lado com o discurso científico-filosófico o narrador produz uma imagem

32. Cf. op. cit., p. 255.

33. Daqui em diante, as referências desta obra serão dadas no texto, entre parênteses, através da abreviatura G, e a indicação da(s) página(s) correspondente(s). Procederemos do mesmo modo em relação a Portagem, sendo a referência dada pela letra P.

34. De acordo com Genette, o narrador transfere, geralmente, a sua função ideológica para certas personagens. Passando tais personagens a objectos de observação. (Cf. op. cit., pp. 255 e 256)

35. O registo do discurso científico justifica-se dado o elevado nível intelectual do narrador, a que fizemos referência no início deste capítulo (Cf. supra, p.2, nota n°4).

positiva do protagonista Godido, por outro, ao traçar um quadro económico negativo da família Santos (patrões de Godido), ridiculariza o cidadão branco, hierarquicamente "superior", devido ao estereotipado preconceito racial, que concede privilégios apenas aos brancos. Destes procedimentos, deduz-se que o primeiro traduz a simpatia do narrador para com o protagonista, enquanto no segundo reflecte-se a sua antipatia para com os Santos. Do ponto de vista ideológico, o narrador opõe-se ao sistema colonial, servido por Santos. Sabe-se que Santos para além de ser patrão de Godido³⁶, é normalmente tratado por chefe, e, "nos dias de serviço, descarrega na negralhada, se o guisado lhe cai resvés no estômago" (G. p.23).

Ao abrigo da polaridade que se abre entre si e o universo diegético que representa, o narrador censura os hábitos da família Santos:

"A Isaura em vez de beijar o pai, fazia-o ao primo Artur <<De>> <<E>> rico e solteiro, com fábricas de conservas. Ninguém se importava porque era Natal... e era o primo Artur, solteiro e com fábricas de conservas..." (G, p. 26).

A atitude crítica do narrador revela-se na alusão satírica ao Natal e à riqueza, repetidamente evocada pela analogia "com fábricas de conservas" e pelo adjectivo "rico".

Colocando sempre a personagem central no centro das suas análises, o narrador manifesta, na seguinte passagem, o seu mais significativo posicionamento ideológico:

36. Na lógica da política colonial, a linguagem patrão/empregado não define apenas as relações no trabalho, distingue sobretudo o instruído do não instruído, o civilizado do não civilizado, o inteligente do não inteligente, enfim, a submissão do segundo pelo primeiro. É pois este quadro discriminatório que se contesta.

"Ao longe pinceladas amarelo-avermelhadas davam cidade. Era como que o limiar de outra existência mais real para Godido. Hih! Tão bom! Olhó o cidade. - O ambiente ter-se-ia rido do seu estado de alma se o soubesse.

Como se não fosse humano um negro pensar que a <<vida do negro há-de acabar>>" (G, p. 38).

Recorrendo ao discurso justificativo³⁷, o narrador demarca-se do "ambiente" que se teria rido do estado de alma de Godido, e coloca-se ao lado deste, justificando-lhe os sentimentos com uma frase não só eivada de conotações moralistas, mas também inspiradora de esperança³⁸: "como se não fosse humano um negro pensar que a <<vida de negro há-de acabar>>". É pois nesse sinal de esperança, expresso pelo tempo verbal futuro: "... há-de acabar", que o narrador exprime a sua visão utópica da realidade: fim do sistema colonial e, conseqüentemente, fim das hostilidades contra os negros.

Em *Portagem*, é também principalmente sobre a personagem central que o narrador heterodiegético dedica a sua atenção. Isso acontece, por exemplo, nas seguintes passagens textuais, em que se desenha um perfil físico-psicológico positivo de João Xilim:

"Os músculos de criança [João Xilim] responderam com alegria ao esforço violento de segurar firme um espigão..." (P, p. 18).

"Remexia-se [João Xilim] inquieto na esteira e tossiu, tentando que algum dos companheiros despertasse. Respondeu-lhe um, com uma praga. Voltou a tossir, mais forte. Então o homem que

³⁷. O discurso justificativo e explicativo, de acordo com os ensinamentos de Genette, está ao serviço da função ideológica do narrador (cf. Genette, 1995. p.255).

³⁸. Refira-se que essa esperança está esboçada na parte final do penúltimo capítulo da narrativa, intitulado "Sonho de Negro" (cf. p.34).

praguejara, espreguiçou-se, bocejou ruidosamente (...). Outras pragas acolheram a sua jovialidade" (P. pp. 22-23).

Ao apresentá-lo com uma força e energia ("os músculos responderam com alegria") suficientes para responder ao trabalho duro ("esforço violento"), o narrador constrói essa imagem positiva de João Xilim. Como referimos em relação a *Godido*, também em *Portagem* a predilecção do narrador pela personagem central deve-se sobretudo às afinidades ideológicas entre ambos. É no âmbito dessas afinidades que o narrador promove continuamente a imagem do herói, referindo-se-lhe as qualidades, por um lado, ou menosprezando aquelas personagens que se-lhe opõe ideologicamente:

"A vida prossegue igual no Marandal. E só Xilim o distingue do mundo diferente por onde andou, um mundo idêntico ao que patrão Campos e D. Laura conheceram antes de se fixarem ali e que eles próprios talvez já quase esqueceram" (P. p. 25).

Neste exemplo o narrador atribui aos Campos uma amnésia de fixação, muito embora o faça com uma de um modo duvidoso, proporcionado pelo apelo ao discurso modalizante³⁹: "... eles próprios [os Campos] talvez já quase esqueceram". Enquanto em João Xilim reconhece a capacidade de memorização: "... só Xilim o distingue do mundo diferente por onde andou..."

Embora as afinidades ideológicas justifiquem a afeição do narrador pela personagem principal, aquele, gozando da relativa liberdade que o estatuto heterodiegético lhe confere, censura, ainda que de forma ténue, algumas atitudes da personagem

³⁹ O discurso modalizante resulta, segundo refere Genette, da utilização, pelo narrador, de "locuções modalizantes", como "talvez" sem dúvida, "como se", aparecer como", a fim de "dizer hipoteticamente aquilo que não poderia afirmar sem sair da focalização interna" (cf. op. cit. p.201).

principal:

"E explicaria o porquê de tudo. Mas acha que não vale a pena. Não é que ninguém iria compreender essas coisas mesquinhas que são a razão do cansaço da vida toda de João Xilim?" (P. p. 107).

"E nessa noite em que inventa uma infância para deixar aos outros..." (P. p. 160).

Desde a resposta em tom interrogativo, até ao sentido artificial (pouco consistente) do termo "inventar", passando pelo valor insignificante que a expressão "coisas mesquinhas" sugere, o narrador manifesta a sua decepção, face a actuação do herói, que como referimos na apresentação do corpus, redonda num ciclo de aventuras mal sucedidas. Portanto, esta atitude crítica do narrador para com a personagem principal ajusta-se ao seu estatuto heterodiegético, pois o seu oposto, o narrador homodiegético está condenado, como observa com justeza Aguiar e Silva, a ser "apenas uma testemunha dos acontecimentos, permanecendo, portanto, como exterior em relação à interioridade e à motivação profunda dos actos da personagem principal"⁴⁰. Retomando a comparação, o que acabámos de afirmar não pretende significar que o narrador de *Godido* seja limitado ou tímido, pelo facto de não dirigir nenhuma crítica a *Godido*. Antes pelo contrário, o que acontece é que ele coloca sempre a personagem na condição de vítima do sistema colonial, e, portanto: todos os seus defeitos, todas as suas falhas são imputadas ao sistema que o moldou. É também por isso que o narrador, de forma mais frequente em *Godido* do que em *Portagem*, se encarrega ele próprio

40. V. M. Aguiar e Silva, citado por Reis, 1981. p. 213.

de interpretar a maior parte dos episódios protagonizados pelo protagonista, à luz da liberdade que o estatuto heterodiegético lhe concede, por um lado, e decorrente da sua intelectualidade, por outro lado.

Portanto, produzido por um narrador ausente do universo diegético, o discurso em *Godido* e em *Portagem* surge substancialmente marcado pelas intervenções desse narrador, que, não podendo ser julgado dado o seu estatuto heterodiegético, critica, opina, comenta de forma desinibida a realidade que representa. Nessas intervenções, frequentemente feitas ao abrigo da personagem central, projecta-se a sua imagem ideológica, cujo conteúdo reputamos necessário repeti-lo: desejo (visão utópica) de pôr fim ao sistema colonial de exploração.

2.3. A focalização interna e a ideologia da personagem

O que distingue o discurso narrativo literário dos restantes (por exemplo, o discurso científico) é o facto de aquele ser produzido por um narrador fictício, que para o efeito acciona um conjunto de artifícios técnico-narrativos. A focalização faz parte desse conjunto.

A julgar pelo material bibliográfico disponível sobre a matéria, poder-se-á dizer que a focalização possui a sua própria história. Essa história assenta principalmente nas várias e diferentes perspectivas adoptadas para a análise do fenómeno. Dessa multiplicidade de perspectivas, resultam vários e diferentes conceitos e definições.

Introduzido por Gérard Genette⁴¹, o termo focalização

41. Genette, 1995. p.187.

refere-se ao mecanismo de regular, em termos de quantidade e de qualidade, a informação diegética apreendida/captada, para ser transmitida pelo narrador. O termo abstracto focalização aparece como uma superação das noções de "ponto de vista" (Percy Lubbock), "visão" (Jean Pouillon), "restrição de campo" (George Blin) "aspecto" (Tzvetan Todorov), todas criticáveis por veicularem conotações "visualistas", decorrentes da sua natureza pictórica⁴².

De facto, contrariamente ao que sugerem os termos "ponto de vista" e "visão", o termo focalização não cobre apenas o visível, abrange também o sensorial, o psíquico, o moral, o intelectual, em suma, o consciente e o subconsciente do narrador e/ou das personagens. A outra vantagem conseguida pelos estudos narratológicos, com a introdução do termo focalização, tem a ver com a abolição da rigidez na escolha e utilização pelo narrador de um certo ângulo de visão⁴³. Efectivamente, inadaptável à rigidez inflexível, e ao reducionismo das perspectivas anteriores a si, o termo focalização concede ao narrador a liberdade de diversificar os elementos focalizadores (personagens e ele próprio incluído) dentro do mesmo discurso.

Embora aceite por vários estudiosos como uma verdadeira inovação, a abordagem genettiana de focalização é criticada em alguns aspectos. Por exemplo, Aguiar e Silva⁴⁴, qualifica de "feliz" o termo focalização, em virtude de este dar conta da

42. Cf. op. cit. pp.183-187. Cf. também, Reis e Lopes, 1987. pp.158-159.

43. Temos em mente, por exemplo a posição tomada por Percy Lubbock, com relação à escolha e vigência de um certo ponto de vista. Posição essa que apesar de ser menos inflexível que as outras (defende a variação do ponto de vista pelas personagens), cai no defeito de considerar que "a opção pelo ponto de vista do narrador deve ser uma solução ocasional". Portanto, marginaliza, de certa maneira, a figura do narrador. (Percy Lubbock, citado por Reis, 1980. p.36)

44. Cf. Aguiar e Silva, 1988. pp.765 a 767

"relação entre o narrador, por um lado, e a história, o narratário e o leitor, por outro". Todavia, o autor da *Teoria da Literatura* acusa Genette de pretender mutilar essa relação ao admitir o tratamento, em termos práticos, da problemática da focalização, desligada da questão do estatuto. "Como se pode considerar idêntica a focalização do romance em que o herói conta a sua história e a focalização do romance em que a história é contada por um narrador onisciente?" - questiona Aguiar e Silva, pondo em causa a postulação de Genette, que defende identidade das focalizações nas duas situações, *a priori* diferentes do ponto de vista do estatuto do narrador. De facto, a diferença no estatuto origina alterações de várias ordens na vigência das modalidades de focalização, sobretudo quando estudada do ponto de vista psicológico, ético e ideológico, segundo observa Aguiar e Silva. Por seu turno, Carlos Reis⁴⁵ elogia as reflexões de Genette sobre a focalização, sobretudo porque tendem a "conceder ao narrador uma liberdade de acção". Mas por outro lado associa-se a Aguiar e Silva na detecção de lacunas no trabalho do autor de *Figures III*. Critica -o por não privilegiar as relações mútuas, que mantêm entre si os âmbitos do modo e da voz, ou seja, da focalização e do estatuto. Carlos Reis opõe-se também às noções de "narrativa não focalizada" e de "focalização zero", propostas por Genette como substitutas da expressão "focalização onisciente". Para Carlos Reis, aquelas noções evocam não um narrador investido de poderes ilimitados (narrador onisciente), mas sim uma modalidade de discurso de ficção destituída do domínio de qualquer perspectiva. Considerado à luz da abordagem

⁴⁵. Cf. Reis, 1981. pp.49-50.

que Genette lhe dedica, bem como dos reparos que se lhe fazem, o conceito de focalização afigura-se-nos eficaz para o alcance do objectivo que orienta o presente trabalho⁴⁶. Por isso, adoptamo-lo para a análise.

Da leitura que fizemos de Genette⁴⁷, ficou explícito que a situação em que o narrador apreende e conta os eventos da história, sob a mediação de uma personagem inserida nessa história, denomina-se focalização interna. Ou seja, adoptando a focalização interna de uma determinada personagem, o narrador submete-se aos conhecimentos e capacidades dessa personagem focalizadora⁴⁸. Aqui afirma-se o papel da personagem⁴⁹ nos procedimentos do narrador.

Como referimos anteriormente, em *Godido* evoluem personagens cuja distinção se processa a partir de um operador "racial".

Godido, personagem sobre a qual assentam as principais coordenadas temáticas e ideológicas da obra, é um negro pobre, que emerge entre outros negros de condição também precária. Portanto, fazendo alusão aos ensinamentos de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, podemos afirmar que é em função da personagem Godido, que a história existe em *Godido*. O que quer dizer, por outras palavras, que Godido desempenha a função de herói.

Tendo sobrevivido a várias perspectivas teóricas (por

⁴⁶. Lembrando uma vez mais o objectivo deste estudo (demonstrar a evidência entre a técnica narrativa e a ideologia), fica claro que o termo focalização é fundamental para a análise, quando interpretado à luz das relações que o narrador mantém com o universo diegético, que representa. Portanto, a análise das diferentes focalizações adoptadas em ambos os textos permitirá deduzir posicionamentos ideológicos, quer do narrador, quer das personagens que povoam o universo diegético.

⁴⁷. Op. cit., pp. 187-192

⁴⁸. Fazendo alusão às potencialidades de apreensão da personagem focalizadora, Reis e Lopes afirmam que "o que está em causa não é, pois, estritamente aquilo que a personagem vê, mas de um modo geral, o que é alcançado por outros sentidos do seu campo de consciência, ou seja, o que é alcançado por outros sentidos, para além da visão, bem como o que é já conhecido previamente e o que é objecto de reflexão interiorizada. (cf. op. cit., p. 164)

⁴⁹. Referindo-se ao papel da personagem na estruturação da narrativa, Tzvetan Todorov considera-o como "papel de primeira ordem, a partir do qual se organizam todos os outros elementos da narrativa (cf. Todorov et al, 1976. p. 220).

exemplo, o funcionalismo de Propp, a semiótica greimasiana⁵⁰), o conceito de herói assumiu nos anos 50, tal como, no período áureo do Romantismo, uma importância significativa. Tal é o que transparece nas seguintes palavras de Lukács: "no romance a psicologia do herói é demoníaca; assim, o conteúdo do romance é a <<história dessa alma que vai pelo mundo para aprender a conhecer-se, procura aventuras para nelas se testar e, por essa prova, atinge a sua medida e descobre a sua própria essência>>"⁵¹. Deste modo, interessado em representar a vivência interior (psicologia, para Lukács) do herói, o narrador adota a focalização interna. De referir que parte dessa vivência é constituída pelas ideologias, enquanto práticas que visam desmistificar as contradições vividas pelas personagens⁵². O que quer dizer que a análise da focalização interna permitir-nos-á deduzir as posições ideológicas da personagem focalizadora ou não, perante os eventos, ambientes, assim como perante outras personagens.

A fórmula de focalização, assevera Genette, nem sempre se aplica ao conjunto de uma obra, portanto, mas antes a um segmento narrativo determinado, que pode ser muitíssimo breve⁵³. Partindo desta base, a análise tomará em conta apenas os segmentos relevantes, para cada caso. Tal é o caso, por exemplo, da seguinte passagem textual do monólogo interior- prova absoluta da vigência da focalização interna na narrativa⁵⁴:

50. Para uma informação mais detalhada sobre a história conceptual do herói, cf. Reis e Lopes, op. cit., pp. 306-310, cf. também Aguiar e Silva, op. cit., pp. 687-695.

51. George Lukács, citado por Reis e Lopes, op. cit., p.188.

52. Reis, 1981. p. 429.

53. Cf. Genette, 1995. p.189

54. De acordo com Édouard Dujadin, citado por Genette, monólogo interior (forma que Genette prefere chamar discurso imediato) é o discurso sem auditor e não pronunciado, pelo qual uma personagem exprime o seu pensamento mais íntimo. (Cf Genette, op. cit., pp.172 e 191. Cf. também, Reis e Lopes, op. cit., p. 230).

"Iria para a cidade, para a civilização, onde não haveria certamente nem brancos a chicotear, nem pretos a obedecer. A civilização deveria ser uma coisa melhor, com sabor a <<matapa>> ou toucinho do céu", (G, p.20).

Enunciada pela voz do narrador, a sensação positiva que Godido tem da cidade traduz-se na forma otimista como ele imagina esse espaço urbano. É o que indica o qualificativo "melhor" que, embora transportando algum receio assinalado pelo vocábulo "deveria" (discurso modalizante), sugere uma impressão boa da civilização urbana, ora imaginada. A mesma sensação aparece, sugestivamente ilustrada pela analogia "civilização/<<matapa>>-toucinho do céu⁵⁵". Portanto, a civilização, imaginada por Godido, mas interpretada pelo narrador⁵⁶, não seria desagradável, como certamente não o são a "matapa" e o "toucinho do céu". No entanto é desse jogo imaginação da personagem/interpretação do narrador que se filtram os posicionamentos ideológicos da personagem focalizadora Godido, que, no caso do exemplo em análise, denota falta de uma visão real sobre o ambiente urbano descrito no texto. Porém, pouco tempo depois, essa situação alterou-se, conforme documenta a seguinte transcrição:

"... Ali [na cidade] estava toda uma doutrina de raças. Agora compreendia que ser negro era algo mesquinho que lepra. Era cancro entre os civilizados." (G, p. 21)

Com as expressões "doutrina de raças" e "ódio de raças",

55. O termo "matapa" designa folhas de mandioca, com as quais se prepara molho do mesmo nome, bastante apreciado na parte sul de Moçambique. Enquanto que "toucinho de céu" é um doce de ovos e açúcar, da tradição dos mosteiros, vendido nas pastelarias.

56. Esta prática do narrador, orientada geralmente para a sua forma de ver o mundo, é quase constante no texto, e insere-se nas suas funções de supervisor das personagens, por um lado, e na já referida intervenção directa na diegese, por outro lado.

o narrador traduz a visão de Godido sobre a civilização urbana: centro pedagógico da prática de racismo, promotora da desqualificação dos negros, segundo sugerem os seguintes segmentos, elaborados com o auxílio do discurso figurado⁵⁷: "ser negro era ser algo mais mesquinho que a lepra", "Era ser cancro entre os civilizados". No primeiro segmento, da comparação "algo mais mesquinho que a lepra" apreende-se uma desqualificação da imagem do negro, tido como mais horripilante do que a lepra. No segundo, o paralelismo metafórico estabelecido entre o negro e o cancro reforça a condição de "coisa" a que o sistema colonial de racismo submete os negros. Denota-se, portanto, uma atitude de denúncia e contestação do sistema em causa.

Desqualificação
imagem
do negro

Coisificação
do negro

Aparentemente mais cruel na cidade do que no campo, a prática do racismo leva o protagonista a experimentar a adesão ao mito do eterno retorno: "suspirou pela vida primitiva e quis fugir" (G, p. 21). O desejo de regresso à terra de origem (senzala) está associado ao facto de Godido ter começado a compreender o conflito branco/negro na cidade, que, todavia, se estende até ao campo:

"Godido detestava aquela vida (...). Não, não! Odiava aquela vida rastejante, a imagem do branco a esquartejar a sua mãe física e moralmente" (G. p.20).

Acompanhando-o de perto e com a confiança que lhe proporciona a instauração da sua focalização interna, o narrador penetra a interioridade de Godido e busca inspiração para as suas análises. É o que se depreende do recurso ao discurso valorativo,

⁵⁷ Propensos à expressão da subjectividade do narrador, os registos do discurso relevam de importância especial neste trabalho, já que também "a sua formulação contribui decisivamente para incutir na mensagem uma certa configuração ideológica e afectiva" (cf. Reis, 1981. p.365)

caracteristicamente avaliativo, isto é, empregue na "atribuição de qualidades ou defeitos, valor ou demérito aos factos e personagens"⁵⁸. Com efeito, recorrendo às expressões qualificativas "rastejante", "esquartejar", "detestava", "odiava", o narrador representa um quadro triste da interioridade da personagem central. Por outro lado, a força dos qualificativos projecta a referida ideia de contestação ao sistema colonial. Contestação essa que por vezes é conduzida de maneira diferente, como a que vemos a seguir:

"- Eh! Zafania! Buya, venha brincarri co gente, a cantari cosa do nosso terra. Anda cá quando não minha coração zanga cum você. Mesmo!" (G, p. 24).

"O Natal assemelha-se ao lobolo. Não. Faltava <tombazana>, e só havia comida e vinho como no <<lobolo>>. Mas o Natal lembrava-lhe o <<lobolo>>" (G, p. 25).

Um aspecto relevante nestes exemplos é a presença de um diálogo, que permite à personagem focalizada, Godido, exprimir-se pessoalmente. Com efeito, se bem que, quer no discurso do narrador, quer na intervenção de Godido no diálogo em apreço, transpareça a ideia de contestação do sistema colonial, tal processa-se por vias diferentes: enquanto o narrador insiste na evocação das práticas negativas do sistema, Godido cultiva a ideia de pertença à pátria moçambicana, através do uso de termos de valorização cultural moçambicana, como "buya", ou através da evocação da noção de pertença: "cosa do nosso terra". É assim que procurando representar fielmente a interioridade de Godido, no âmbito da instauração da focalização interna deste, o narrador

⁵⁸. Cf. Reis, 1981, p.88

transfere o sentido pragmático da festa do Natal - uma cerimónia de elevado valor na cultura e tradição ocidentais - para o <<lobolo>> - cerimónia também de elevado valor, mas desta feita na cultura e tradição moçambicanas, que aqui surgem exaltadas. Deste modo, parafraseando Russel G. Hamilton⁵⁹, podemos afirmar que a exaltação dos valores nacionais reflecte uma forte dose de nativismo do narrador, situação que a nosso entender ocorre com Godido, personagem cuja subjectividade aquele se empenha em representar. Cumprindo esta mesma missão, o narrador procede, na seguinte passagem textual, à dessacralização dos valores europeus portugueses:

"Os patrões costumavam contar muito a história do <<Mufana>> branco que nascia todos os anos naquela data, e havia de tornar bons os que nele acreditassem" (G, p. 25).

Note-se que, apesar da insistência dos patrões em promover a imagem de Jesus Cristo contando muito a sua história, "a maior parte da gente não o percebia; confundia-o com pedaços de gesso e arte, que havia nas igrejas. Mesmo entre pessoas cultas, poucas o entendiam. Eram os burros que lhe chegavam mais frequentemente porque não precisavam compreendê-lo" (p.25). Para além de que "[Jesus Cristo] tinha a mania do jogo de cabra-cega. E se calhar não tinha nada. Porque talvez uns sujeitos brincalhões o inventassem para pôr doida a humanidade" (p.25). Desde os qualificativos "mania" e "brincalhões", ao adjectivo "doida", passando pelo sentido de uma certa artificialidade conotada pela forma verbal "inventar", denota-se uma progressiva dessacralização da imagem de Cristo. Imagem cuja função de

59. Cf. Hamilton, op. cit., p. 15.

criador de harmonia para a humanidade aparece substituída pela a de endoidecedor.

Detendo-se aos movimentos da personagem focalizadora, o narrador atenta nos acontecimentos susceptíveis a uma abordagem ideológica. Tal sucede, por exemplo, quando Godido enfrenta outras personagens como o revisor Aguiar, o senhor Antunes, o revisor quase homem :

→) "O senhor Aguiar está em todos os caminhos dos pretos a mandá-los marcar passo ou fazer meia volta e galgar para sua condição de escravos" (G, p. 30).

Perseguição
aos negros

Recorrendo à hipérbole ("está em todos os caminhos dos negros"), o narrador refere-se ao sentido de perseguição implacável aos negros. Uma atitude condenável na óptica de Godido, personagem principal, numa acção tematicamente virada para a contestação do sistema colonial de exploração. Os vocábulos "mandar" e "escravos" acentuam essa contestação que também inclui denúncia de práticas como a relação mandante/mandado, patrão/empregado, etc. Portanto, conotado com a máquina repressiva colonial, o revisor Aguiar causa antipatia a Godido. Antunes é outra personagem que, dadas as suas atitudes

→) racistas (" - Suca negra! Cadela! Safa-te quanto antes. Sua..." G, p. 32) e de violência contra os negros ("... quase lhe amassou os seios com a manivela do automóvel" (G, p. 32)), também não merece a simpatia do protagonista. Porém, o revisor quase homem, que "escorria tanta simpatia", que não fazia mal aos negros, merecia simpatia de Godido. Com efeito, o revisor quase homem faria parte da "rocha onde o senhor Aguiar se quebraria" (G, p.30).

Racismo

Simpatia
dos negros

Se bem que o narrador interfira sempre na subjectividade da personagem focalizadora, momentos há em que essa interferência cessa. Isso acontece, por exemplo, no excerto *Sonho de Negro*:

"Godido estoirava raiva, a dois metros, por trás do eucalipto; e, quando Antunes ergueu de novo a manivela, o negro [Godido] atirou-se.

Como música de fundo, gritos de mulher e homem à mistura; nos bastidores a negralhada hirta, embasbacada, a ver. O corpo sujo da negra ali defendido, pêlo por pêlo, dos insultos que o magoavam.

O corpo sem vida atirou-o ao acaso, para o automóvel" (G, p. 33).

Repartida entre a focalização interna e externa⁶⁰, esta passagem representa o desejo (sonho) de Godido em ver abolido o sistema, ora contestado. Com efeito, apesar da sua natureza onírica, a subjectividade de Godido não se traduz apenas no ódio contra as acções hostis aos negros ("estoirava raiva"), mas também no acto concreto, que porá fim ao sistema colonial, promotor dessas acções: ("o corpo sujo da negra ali defendido, pêlo por pêlo, dos insultos que o magoavam"). É pensando no triunfo desse acto, que Godido "sonha" com um equilíbrio social, isto é, com um "modus vivendi" sem desigualdade económica, social nem racial, (para empregarmos as palavras de Manuel Ferreira):

"Amanhã não haveria negros. Só HOMENS por toda a parte" (G, p. 34).

⁶⁰ Referindo-se à conexão entre os dois tipos de focalização, Carlos Reis e Ana Cristina Lopes afirmam que a focalização externa pode decorrer imediata e simultaneamente da instauração da focalização interna. De acordo ainda com estes autores, a conjugação dos dois tipos de focalização surge naquelas situações em que o olhar de uma personagem da história em situação de observação (focalização interna) implica uma focalização externa sobre aquilo que esse observador limitada e exteriormente poder apreender e deduzir, não se isentando tal observador de manifestar juízos subjectivos acerca do que vê (cf. Reis e Lopes, 1987. p.163).

Nesta passagem, também onírica, exprime-se uma visão utópica da personagem. Ou seja, a personagem prevê para breve, segundo sugere a categoria gramatical do advérbio "amanhã", uma situação de equilíbrio social: "...não haveria negros. Só HOMENS por toda a parte...". Desde a hipérbole "...por toda a parte..." até ao destaque que o emprego de caracteres maiúsculos confere à palavra "homens", sugere-se, acentuadamente, o carácter abrangente desse equilíbrio.

Se bem que esteja fora de dúvidas que, enquanto detentor da focalização que orienta a representação narrativa, Godido beneficia de condições privilegiadas para manifestar a sua subjectividade, isso não significa que as outras personagens, com as quais se confronta, assumem uma posição de neutralidade. Pelo contrário, elas manifestam, também, a sua subjectividade, embora em graus menos elevados:

"Godido não percebia aquela atitude e interrogava os patrões.

- Porque és negro e de negro não passas - respondiam-lhe eles com sorrisos" (G, p.21).

A resposta zombeteira ("respondiam-lhe com sorrisos") dos patrões demonstra a pouca importância que estes atribuem ao clamor de Godido pela justiça. Subjaz, nessa atitude dos patrões, a intenção de manter a ordem vigente, quando, em contrapartida, a acção de Godido visa rompê-la.

Ao longo da análise das passagens textuais, quase todas divididas entre a subjectividade de Godido, cuja focalização comanda a narração, e as frequentes intervenções pessoais e directas do narrador_esperamos voltar a esta questão no subcapítulo que se

segue_ foi se denotando a solidez progressivamente crescente da cosmovisão da personagem central. Solidez que se traduz na forma de encarar a proposta temática da obra: contestação do sistema colonial. Efectivamente, foi possível verificar que, do ponto de vista ideológico, Godido põe em causa todo o sistema colonial, e não o aspecto particular da discriminação racial (porém fortemente marcado no texto). Essa cosmovisão está, portanto, por detrás do tratamento desigual que Godido submete as personagens Aguiar, Antunes e o "revisor quase homem".

Como referimos atrás, a personagem central em *Portagem* é João Xilim. É pois nesta personagem que se situa "o núcleo ou o ponto cardeal por onde passam os vectores que configuram funcionalmente as outras personagens"⁶¹. Desprezado, dentro do quadro social montado com base no sistema colonial de exploração, João Xilim acha como solução do problema a fuga. Fuga que o leva a desencadear um ciclo de aventuras mal sucedidas. Portanto, o conteúdo de *Portagem*, lembrando Lukács, está nessas aventuras. Sendo assim, à semelhança do que fizemos em *Godido*, interessa-nos analisar a focalização interna de João Xilim, que na qualidade de herói, detém o controlo da história, e, por isso, foco de irrupções ideológicas relevantes.

Vivendo num contexto social marcado por relações dicotómicas branco/negro-mulato, patrão/ empregado, explorador/explorado, mandatário/mandatado, rico/pobre, João Xilim mostra-se, muito cedo, preocupado em conhecer a sua identidade racial: "- Porquê eu não sou preto como toda a gente?" (P, p. 21)

61. Cf. Aguiar e Silva, op. cit., p. 699.

Com a descoberta da sua origem racial, João Xilim começa a ter uma visão aproximadamente real do meio que o rodeia. Com efeito, as evidências da sua descendência, filho de pai branco (Campos) e mãe negra (Kati), levaram-no a opor-se à vida do Marandal, sua terra de origem, fugindo desta para "onde ninguém o conhecesse nem pudesse saber a sua vergonha" (P, p. 24). Facto importante, do ponto de vista da comparação, é que também em *Godido* a personagem principal Godido decide ir conhecer a cidade por se opor à vida da senzala, onde nasceu: "barranco a mandá e os preto como boi a puxá, a simiá até fim" (G. p. 20). Odiava aquela vida rastejante" (G, p. 21).

À semelhança de Godido, a cosmovisão de João Xilim desenvolve-se à medida que este entra em contacto com diversas realidades, (o herói de *Portagem* conhece mais lugares e ambientes que Godido):

"Embarcou como moço de limpeza num cargueiro que se destinava a um porto do sul. Ali deram-lhe licença para desembarcar e viu os seus irmãos mulatos e negros que trabalhavam no cais e nas fábricas e eram tão subtraídos à civilização como os negros do Marandal. Viu os seus irmãos mulatos e negros que imitavam os brancos no vestuário, na linguagem e nos costumes. Viu os seus irmãos negros contratados para irem trabalhar nas minas no outro lado da fronteira. Viu os homens brancos que moravam nos arredores da cidade em companhia de mulheres negras e andavam fazendo filhos mulatos para crescerem proscritos entre brancos e negros. Viu os homens brancos que viviam em casas bonitas e se deslocavam de automóvel e tinham todas as comodidades. Viu brancos que eram compreensivos e não se pareciam com patrão Campos. Viu os grandes navios no cais carregando

mercadorias e embarcando gente para terras desconhecidas. E viu que o menino do Marandal estava ainda crescendo para ser um homem sem lugar próprio na sua terra, porque fugira do Marandal e era filho da negra Kati que se entregara ao patrão Campos e fora moleque da menina Maria Helena. E o mulato continuava a precisar de fugir" (P, p. 26).

O conteúdo semântico do verbo "ver": (presenciar), o tempo gramatical pretérito perfeito: (consumação dos factos), demonstram que João Xilim foi testemunha directa das desigualdades inseridas no conjunto das práticas do sistema colonial de exploração. Portanto, produzido a partir das memórias da personagem, ao abrigo da instauração da sua focalização interna, o segmento em apreço reflecte, do ponto de vista ideológico, a apreensão por João Xilim do quadro das desigualdades que caracterizam a sociedade colonial. Como consequência directa dessa apreensão, denota-se a ampliação da cosmovisão de João Xilim. Cosmovisão que, à semelhança do que vimos em *Godido*, sofre, por vezes, interferências do narrador, emitindo a sua opinião. Para além das qualidades que o distinguem do herói (cf. supra, p.7), o narrador leva a vantagem de ser entidade única responsável pela organização e modelização do universo diegético. Portanto, mesmo o discurso das personagens (quer sob a forma de diálogo, quer sob a forma de monólogo), está inserido no discurso do narrador⁶².

À luz dessa cosmovisão explicam-se determinados pensamentos e actos de João Xilim, nomeadamente a revolta contra a "nova tentativa de exploração dos negros da sua terra" (p.32), a

⁶² Cf. Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, 1987. p.310

reacção violenta contra o mulato engajador (p.32) e contra o chaveiro prisional (p.76). O mesmo acontece quando, ao abrigo da sua focalização, o protagonista enfrenta determinados ambientes, eventos e personagens, como na seguinte passagem, em que João Xilim censura as condições de trabalho nas minas de Kaniamoto:

"Kaniamoto, 10 de Fevereiro

Meu amigo eu escrevo estas linhas para dizer que tou aqui(...) a vida aqui é boa mas cada vez estes gajos só quer tirar as forças dos nossus corpo para fazeri o grande dinheiro deles á aqui mesmo grande zatice.

(...)

Teu amigo que manda muito abraço João Xilim" (P, p. 55).

Não obstante a impressão positiva ("vida boa") que teve de Kaniamoto, João Xilim insurge-se contra a prática de exploração naquele local: "mas cada vez estes gajos só quer tirar as forças dos nossus corpo para fazeri o grande dinheiro deles á aqui grande zatice".

Também algumas personagens, contempladas pela focalização interna do protagonista, despertam neste um sentimento de simpatia ou de antipatia, dependendo do posicionamento ideológico subjacente às suas acções e comportamentos. Assim, perante personagens como a avó Alima ("João Xilim sente remorsos de não ter feito mais companhia à avó que para ele agora representa um símbolo", P.15), Juza ("O Juza é bondoso mas não vai perdoar", p.134), cujo temperamento não é adverso ao seu, João Xilim manifesta alguma simpatia, expressa pelo narrador, recorrendo aos termos qualificativos "símbolo" e "bondoso". No entanto, aquelas personagens cujas acções e comportamento assentam na ideologia

colonial de exploração e discriminação, despertam um sentimento de antipatia no protagonista. Tal é o que se verifica nos seguintes exemplos:

"Que se lembre [João Xilim] nunca falara com patrão Campos. Receara-o sempre, fugindo à sua presença" (P, p. 38).

Elevada pela linguagem prototípica patrão/empregado, a polaridade entre João Xilim e o branco Campos (seu pai) marcou toda a sua existência. O facto de ambos nunca se terem falado pode ser entendido como corolário dessa linguagem, normalmente destinada apenas a um tipo de mensagem: trabalho para o empregado (João Xilim) e produto desse trabalho para o patrão (Campos). Com efeito, "João Xilim sente que o morto o repudiaria como em vida sempre o renegara" e fica "nauseado" (p.39).

A antipatia de João Xilim pelo pai expressa-se pela má disposição (náuseas) com que fica, diante deste, já morto.

Aproveitando-se da "vantagem racial", instituída pelo sistema colonial, o branco Borges abusa das mulhres mulatas, (cf. pp.134 e 149). Tal acto opõe-o ao João Xilim. É na sequência dessa oposição que o narrador, fiel aos pensamentos da personagem focalizadora, emite a seguinte opinião sobre Borges: "O Coxo [Borges] (...) não tem nada que se lhe aproveite a não ser a lábria para a envaidecer..." (p. 134). O qualificativo "coxo", transformado em nome, a conotação negativa que envolve o termo "lábria" traduzem o desprezo que João Xilim vota ao branco Borges.

Outras persongens que, à semelhança de Campos e Borges, não merecem a simpatia da personagem central, são, entre outras, o cantineiro Esteves ("...regressara [João Xilim] à cidade para se vingar do dono da casa do Caju" (p. 79)); Abel Matias ("[João

Xilim] achava aquele tipo [Abel Matias] esquisito" (p.123)); O mulato claro que andou no liceu ("- vocês não acredita neste mulato gingado! Vida dele é de branco! vida da gente é de negro! (p.112)).

Palavras como "esquisito", "vingar", "gingado", afloradas de desprezo e ódio, expressam o parecer negativo que João Xilim emite interior e exteriormente sobre as personagens em causa.

Dissemos, em relação a *Godido*, que o facto de a personagem, cuja focalização orienta a narração, gozar de uma posição privilegiada, para registar a sua subjectividade no discurso do narrador, não implica uma interdição a outras personagens de também exprimirem a sua subjectividade. Situação idêntica ocorre

também em *Portagem*. Por um lado, figuram aquelas personagens cuja subjectividade converge com a da personagem focalizadora:

"Esse homem [João Xilim] que aí está sentado, é um homem de cor, nascido da fusão de duas raças que, quantas vezes, igualmente o desprezam. Sei que, só por esse motivo, mereceu a antipatia de muita gente" (P, p. 64).

"...mas a grande culpa não foi dele [João Xilim]. Foi daquela desgraça de nascer mulato" (P, p.67).

Como se pode ver, as intervenções do Dr. Ramires (primeiro exemplo) e de Rafael (segundo exemplo) são feitas no sentido de contestar o sistema, acusado de prática de discriminação racial ("... é um homem de cor, (...) só por esse motivo, mereceu a antipatia de muita gente."; "... a grande culpa foi daquela desgraça de nascer mulato."). Portanto, inserem-se na temática de contestação, sobre a qual assenta a subjectividade de João

Xilim.

Por outro lado, encontram-se personagens cuja subjectividade se opõe à da personagem focalizadora:

"Este moleque parece-me esperto demais. Além disso, é mulato. E, não gosto nada desta raça. São mais falsos que os pretos" (P, p. 17).

"... e você que é, então? Filho desse branco que anda a explorar os homens da sua terra" (P, p. 32).

"Alguns negros sentem um certo rancor contra João Xilim. E fazem surdamente, alusão à ignomínia da sua cor mestiça a que atribuem a possibilidade de todas as cobardias e traições" (P, p. 33).

"... o morto o repudiaria como em vida sempre o renegara" (P, p. 39).

"Não sujo as minhas mãos nas ventas de um mulato" (P, p. 73).

"Pretos ou brancos é que deviam ali estar, bem definidos nas suas origens. O mulato representa para ele, um elemento duvidoso..." (p. 74)

Uma vez mais, o discurso valorativo domina a representação da subjectividade das personagens nestes segmentos frásicos. São os casos, por exemplo, dos termos "falsos", "branco", "cobardias", "traições", "mulato", "renegara", "duvidoso", todos apontando, depreciativamente, ao João Xilim. Como bem se nota, a aversão pela personagem central, melhor, pela sua raça, não se regista apenas entre personagens de raça branca, regista-se também no seio de negros e mulatos. Daí o suspiro de Xilim: "Nossa raça toda a gente passa de lado." (p.53).

Um dado que, do ponto de vista ideológico, reputamos importante nos sentimentos quer de simpatia, quer de antipatia por João Xilim, é o de todos estarem vazados na questão da sua origem racial: mulato, ou seja, resultado de duas raças puras, a branca e a negra. Este facto faz que João Xilim se sinta recusado por todos, que tenha uma vida atribulada, enfim, que tenha "medo de ver alegria" (p. 107). Tudo isso leva-o ao conformismo de aceitar a sua raça, com todas as consequências que arrasta: despersonalização, degradação sócio-económica, entre outras:

"Mal de mim é ser mulato. Nossa raça toda a gente passa de lado (...). Branco está sempre a pensar que mulato é filho dum crime. E eu também estou quase a pensar que talvez mesmo" (P, p. 53).

Retomando a comparação, nesta passagem de pura manifestação de subjectividade do protagonista de *Portagem*, verifica-se que ele se comporta de maneira diferente da do Godido. Com efeito, embora ambos contestem o sistema colonial, a acção de Godido não se limita apenas ao aspecto teórico da contestação, culmina com a proposta, em sonho, de uso de força com vista a abolição do sistema (cf. supra, p.32), enquanto que João Xilim restringe a sua acção apenas à denúncia/contestação do sistema, recorrendo, para o efeito, à ironia: Xilim encara "raça" como uma essência da qual depende o ser de cada indivíduo ("mal de mim é ser mulato"). Ainda ironicamente, ele ensaia uma adesão à ideologia colonial de discriminação racial, ao perfilhar o pensamento do branco, no parágrafo derradeiro do segmento em análise, onde os termos "quase" e "talvez" (discurso modalizante) assinalam o

sentido escarninho dessa adesão. Portanto, João Xilim denuncia e contesta a discriminação racial, reiterando-a. Afinal, nos anos 50, a prática da discriminação racial, sustentada pela ideologia do sistema colonial de exploração, já se tinha cristalizado e, inclusive, tendia a adquirir a forma de um estereótipo.

No contexto da assumpção da sua "raça" como signo do "mal", João Xilim interpreta a irresistibilidade de Luisa (sua esposa) e de Beatriz, perante as atracções do branco, como um mal causado pela origem racial:

"- Mulata é assim mesmo: olhar de branco, levanta as saias; palavra bonita de branco com uma prenda na mão, abre as pernas" (P, p.134).

O presente do indicativo "é" e o termo de realce "mesmo" exprimem o carácter definitório da visão de Xilim sobre a raça mulata. Com efeito, para si a leviandade, expressa pela sequência metafórica (discurso figurado) "levanta as saias" e "abre as pernas" deve-se ao defeito da "raça" mulata.

A contestação do sistema colonial através do apego irónico à origem racial prolifera em quase todo o texto, individualizando a personagem central. Ou seja, ao invés do que se verifica em *Godido*, o protagonista em *Portagem* goza de alguma autonomia relativamente ao narrador. Vemos isso nos vários contactos do herói com outras personagens e ambientes, rememorados um a um:

"E recorda-se que fora naquele verão que se apercebera de uma realidade que viera a marcá-lo do ventre da sua mãe. Ele não era negro como a outra gente nascida no Marandal (P, p.21).

"E recorda-se num instante de tudo o que ficou para trás.



De patrão Campos, embrulhado com mãe Kati (...); de Maria Helena impondo-lhe o exílio; do fogueiro Jaime, chorando a infância insultada; de Luisa e do cantineiro, apertados num abraço que o atraçou; do Dr. Ramires falando no tribunal da infelicidade dos mulatos desde a barriga da mãe" (P, p.70).

"Mas a sua vida não tem nada que contar aos outros, a não ser que um branco destruiu a alegria da sua infância, que andou embarcado (...)" (P, p.106).

"Todas as raivas da sua vida passam-lhe uma a uma, pela memória. Não, não tem nada que se arrepender. Cumriu fielmente o seu destino. Foi sempre ele, o mulato, um homem clandestino: na barriga da mãe, moleque em casa de D. Laura, menino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra dos sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido" (P, p. 160).

As transcrições acima ilustram alguns dos vários momentos do passado do protagonista, contínua e escrupulosamente rememorados. O narrador representa esses momentos, seleccionando um vocabulário específico não só para ilustrar o estado de espírito do protagonista durante esse seu regresso ao passado, mas também para exprimir a seu posicionamento ideológico. Referimo-nos às expressões como "...não era negro como a outra gente...", "infelicidade dos mulatos desde a barriga da mãe", "o mulato", "clandestino", cuja posição que reiteram se reparte entre o narrador e a personagem central. Esta remete habitualmente o seu destino ao traço racial - esse preconceito geneticamente examinado, como afirma, sarcasticamente, Carmen

Lídia de Sousa Dias⁶³.

A actuação irónica do protagonista reflecte o grau de consciência por ele atingido:

"Não, não tem que se arrepender. Cumpriu fielmente o seu destino" (P, p.160).

Com os advérbios de negação "não" (repetido) e de modo "fielmente" (discurso valorativo), o narrador representa um João Xilim espiritualmente tranquilo e conformado com o seu destino. Mas, mais do que o conformismo em si, depreende-se, nos momentos finais da história, o sentido irónico e acusador que João Xilim atribui à questão de "raça":

"O erro fundamental que comprometeu a paz da sua vida, foi o abraço da mãe Kati e de Patrão Campos, esse abraço que fez dele um ser duma raça nova infamada. Tudo o que se passou depois, tudo o que pesou sobre o seu coração e manchou as suas mãos e os seus olhos proveio desse erro. Por toda a parte ele encontrou gente que anda à toa, rejeitada pelos brancos e pelos negros. Deserdada pelas duas raças puras" (P, p.160).

Desde a referência à origem da raça mulata: cruzamento entre um branco e uma negra, segundo indica a expressão eufémica ("abraço da mãe Kati e de patrão Campos"), até à alusão às consequências fúteis dessa raça ("nova raça infamada"), "gente [mulata] (...) rejeitada pelos brancos e pelos negros; deserdada pelas duas raças puras", o narrador representa a auto-análise interior que João Xilim faz da sua condição. Denota-se dessa operação a intenção em responsabilizar a origem racial por todas as atribulações que marcaram toda a sua existência. Portanto,

63. Cf. op. cit., p. 68.

está uma vez mais reforçada a tese de que João Xilim se opõe à prática colonial de discriminação racial, reiterando-a. Aliás, é significativo o facto de ser no fim da história que se define, mais ou menos de forma clara, o objectivo que norteia a sua acção, ainda que tal definição pareça ter a participação do narrador, que sempre preservou a função de assessor embora não com igual zelo como se nota em *Godido*:

"Mas ele esconderá dos filhos a memória dos pecados das negras Katis e dos patrões Campos. E eles crescerão como se a raça mestiça não tivesse nascido de um abraço fortuíto" (P, p. 160).

Transparece, nesta passagem da subjectividade de João Xilim, a visão utópica de um quadro social sem discriminação, que passará necessariamente pela ruptura da ordem existente, a do sistema colonial. Aliás, trata-se de um posicionamento que se entrevira muito cedo, nas relações de intimidade entre João Xilim e Maria Helena:

"...começara a doer-lhe a saudade de Maria Helena. Por toda a parte e por todo o momento, a sua lembrança o perturbava (...). Mesmo que não visse a menina, estaria mais perto dela, encostaria a cara ao vidro da janela do seu quarto e tinha a certeza de que seria capaz de ouvir bater o coração dela" (P, p. 18-19).

A saudade que o protagonista tem de Maria Helena advém do sentimento de amor, que os invadia: "quase ao mesmo tempo, a menina [Maria Helena] e o moleque [João Xilim] tiveram a intuição de que se sentiam um ao outro como promessa de mulher e homem (...). Se, por acaso, se tocavam, ficavam enleados e suspensos" (p. 18). Do ponto de vista ideológico, esta relação de intimidade

entre Maria Helena (branca) e João Xilim (mulato)⁶⁴ satiriza a própria ideologia colonial de discriminação, que distingue brancos de negros. Por outro lado, esse cruzamento amoroso pode ser interpretado como um indício de uma síntese futura de ambas as raças. Síntese essa, que consubstancia a visão utópica não racial da personagem central. Esta visão, a mesma que domina o protagonista em *Godido* (cf. supra, p.32), acaba por completar o destino (contestação), "fielmente cumprido" do herói em *Portagem*.

Em função da análise do discurso, produzido sob a orientação da focalização interna, concluímos que os protagonistas em *Godido* e em *Portagem*, respectivamente Godido e João Xilim, se orientam pela mesma ideologia:

- utopia não racial, ou seja, clamam pelo fim da ordem vigente, implantada pelo sistema colonial.

2.4. A focalização onisciente e a ideologia do narrador

Consagrada e difundida por narratologistas, a expressão focalização onisciente designa a opção do narrador de se auto-indigitar para desempenhar a função de focalizador, de acordo com a terminologia de M. Bal⁶⁵. Adoptando a focalização onisciente, "o narrador configura-se como um autêntico demiurgo que conhece todos os acontecimentos na sua trama profunda e nos seus pormenores, que sabe toda a história da vida das personagens, que penetra no âmago das consciências como em todos os meandros e

64. Essa relação atinge o clímax no sétimo capítulo, quando ambos se envolvem num acto sexual (cf. p. 45).

65. M. Bal, citado por Reis e Lopes, op. cit., p. 164.

segredos da organização social"⁶⁶. Isto equivale a dizer que o narrador onisciente detém um conhecimento ilimitado da história. Opondo-se a esta situação, Genette não inclui na sua conceptualização a modalidade de focalização onisciente, argumentando que <<omnisciência>> é um termo "qui, en fiction pure, est littéralement, **absurde**"⁶⁷ (sublinhado nosso). Para o lugar da omnisciência do narrador, o autor de *Figures III* propõe as noções de "narrativa de focalização zero" e "narrativa não focalizada", com as quais se afasta a função de focalizador do narrador, negando-se-lhe, deste modo, a posição de transcendência em relação à história que conta.

Não obstante a objecção de Genette, a expressão focalização onisciente, decorrente da noção de narrador onisciente⁶⁸ em uso na crítica anglo-saxónica, mantém-se aceite em narratologia. Essa aceitação prende-se não só com a a necessidade de superar as noções genettianas, acima referidas, apontadas como fomentadoras da pressuposição de que não existe rigor nos procedimentos de focalização, como também tem a ver com a sua funcionalidade na sintaxe narrativa. Com efeito, a focalização onisciente tem o mérito de permitir a facultação de informações que, na óptica do narrador, são pertinentes para o conhecimento minudente da história⁶⁹. É pois principalmente ao abrigo da focalização onisciente que o narrador de *Godido* e também de *Portagem* intervêm com informações, que julgam necessárias para

⁶⁶. Cf. Aguiar e Silva, op. cit., p. 776.

⁶⁷. Cf. Genette, 1983. pp. 48-49.

⁶⁸. Cf. Reis e Lopes, 1987. p. 168.

⁶⁹. Ibidem, p. 168.

tornar o discurso claro e compreensível⁷⁰. Para a nossa análise interessa-nos o alcance que a adopção da fórmula de focalização onnisciente atinge, em termos ideológicos. Por outras palavras, atentamo-nos aos posicionamentos ideológicos, subjacentes às informações facultadas pelo narrador. Tal é o objectivo que pretendemos ao analisarmos, por exemplo, a seguinte intervenção do narrador de *Godido*:

→ "Uma noite escura como todas as noites em que não há batuque nem mulheres na senzala. Na sua palhota, à luz mortiça de um candeeiro de óleo de coco, um corpo espreme-se em contorções nervosas. A natureza verifica mais uma vez a lei de Lavoiseir: nada se está criando; é uma transformação da qual resulta *Godido*" (G, p. 19). DMN

— Demonstrando profundo conhecimento do ambiente diegético, o narrador descreve, com rigor minucioso, a paisagem externa, bem como o nascimento de *Godido*. Prova-o, por exemplo, a comparação (discurso figurado) da "noite escura" com "todas as noites em que não há batuque nem mulheres na senzala" (aludidas pelo narrador, ao abrigo da sua posição de onnisciência). Ao empenho do narrador em fornecer todos os pormenores sobre a personagem central, subjaz a intenção de citar (espécie de profecia) a condição degradada a que estará submetida a personagem cujo nascimento é narrado: o ambiente atmosférico triste e feio em que a personagem nasce: "noite escura", as expressões "palhota", "candeeiro de óleo de coco", ambas conotadoras de exiguidade de recursos, ilustram essa condição. Provando o alcance dos seus conhecimentos

⁷⁰ A preocupação do narrador em produzir um discurso claro é notória nos dois textos. E talvez seja mesmo essa preocupação que o leva a "supervisionar" as suas personagens, recorrendo também, como vimos, na focalização interna, ao discurso explicativo e justificativo.

ilimitados, o narrador omnisciente antecipa-se aos acontecimentos, predizendo o destino do protagonista:

"Tomara desde logo aquele sabor a carvão e cozinha. Ah! Maldita hora! fora um caso accidental. O vento arrastara-o e a curiosidade também. Agora, paciência. Era viver camuflado a vida inteira como os carros de assalto, e propagar o mal aos seus descendentes. Verdade, verdadinha que ser da cor do carvão era uma tragédia. Mas as consequências daquela imprevidência manifestar-se-iam mais tarde" (G, p.19).

→ Activando os seus híper-conhecimentos, o narrador omnisciente faz a caracterização do protagonista ("sabor a carvão e cozinha"), assim como traça a sua sina ("viver camuflado", "propagar o mal aos seus descendentes"). A associação, no mesmo segmento, dos discursos conotativo, através da conotação que envolve a expressão "sabor a carvão"; valorativo, através dos termos qualificativos "maldita", "accidental", "camuflado", "mal", "tragédia", "imprevidência", e figurado, por meio da comparação e metáfora, respectivamente, "camuflado (...) como os carros de assalto" e "ser da cor do carvão", ilustram-nos a consciência do narrador, sensível ao mal, ao desprezo a que o negro está sujeito. Esta atitude de denúncia e contestação da prática colonial de discriminação, reflectida na consciência do narrador, aproxima-o, em termos ideológicos, à personagem central, cuja acção, como vimos, visa abolir o sistema colonial. Parece, pois, ser na sequência dessa comunhão ideológica que o narrador "sofre" com o protagonista, quer representando-o a partir da sua perspectiva (focalização interna), quer referindo-se-lhe as características físicas e psicológicas, bem como os actos,

recorrendo à focalização onisciente. Vejamos, por exemplo, a consciência de Godido, do ponto de vista do narrador:

"Um pedaço de carvão ardendo em uma mentalidade ávida de justiça. ódio a civilizações tidas por superiores por nelas se esconder qualquer coisa de nefasto". Eis a imagem duma raça: Godido" (G, p. 19).

Através de uma analepse, relato por antecipação de eventos cuja ocorrência na história é posterior ao presente da acção⁷¹, o narrador reconhece em Godido uma consciência virada para a ruptura da ordem vigente, a das "civilizações tidas por superiores...". Portanto, a "mentalidade ávida de justiça" nasce dessa consciência, dessa nova visão, a visão utópica da realidade. É ainda dentro do âmbito do "sofrimento" comum entre o narrador e o protagonista que se enquadra a seguinte passagem:

→ "Godido pediu compaixão, um pouco de humanidade. Que pavor! E os céus não desmaiaram sobre a terra?! O negro queria emancipar-se; não era outra coisa. Coitado! Ele a pedir liberdade! Ele que nascera livre nas costas da mãe, (...). Ele, que nascera e vivera na escravatura, pedia a graça de <<dominus>> e chamavam-no um revoltado, inflamado de ideias enciclopedistas. Não sabia ler nem conhecia de vista a metafísica mas era um partidário de Diderot. Não havia dúvidas; os civilizados já o tinham dito. Era qualquer coisa que ele, Godido desconhecia. Mas era-o" (G, p. 22).

As expressões "que pavor!" e "coitado" (discurso valorativo), auxiliadas pelo sinal de pontuação exclamativo, por vezes associado ao de interrogação, traduzem esse "sofrimento", que,

71. G. Genette, citado por Reis e Lopes, op. cit., p. 332.



Pedido
do tempo

neste caso, tende a alcançar os domínios da afectividade do narrador⁷².

Orientando-se sob a focalização omnisciente, o narrador evoca os seus conhecimentos ilimitados para tecer alguns comentários acerca do protagonista: "Ele que nascera e vivera na escravatura, pedia graças a <<dominus>> e chamavam, -no um revoltado, inflamado de ideias enciclopedistas. Não sabia ler nem conhecia de vista a metafísica mas era um partidário de Diderot" (G, p.22). Nesta passagem, se por um lado, ao resumir a vivência toda do protagonista utilizando apenas o termo "escravatura", o narrador prova-nos o seu híper-conhecimento, por outro lado, ao manipular os seus conhecimentos científico-filosóficos ("dominus", "metafísica", "Diderot") para se referir também ao protagonista, deixa transparecer a sua preocupação de o desenhar como um herói. Essa preocupação justifica, noutra local, o uso do adjectivo "carnudo" e do advérbio de modo "estrondosamente" (discurso valorativo) para caracterizar os lábios de Godido (G, p.22).

As afinidades ideológicas entre o narrador e a personagem central afirmam-se também naqueles momentos em que a focalização omnisciente orienta a representação de outras personagens.

"A família Santos não vivia como as grandes massas miseráveis nem com as comodidades de Henri Ford. Era daquelas famílias condenadas a não ficar na História. Um grupo a equilibrar-se nas cordas da economia. Escudos certos, para despesas certas todos os meses. Uma ou outra extravagância na

72. A ligação afectiva do narrador à personagem central denota-se também na seguinte passagem: "E porque daquela boca...tinha saído uma prece de compaixão, um pedido de graça, ali estava ele amarrado à imundície de um quarto que era um curral, sem uma esteira onde deitar o corpo e com o chicote do carcereiro a cortar-lhe os gritos e a garganta" (G, p.22).

lotaria a tentar a sorte. Não se liam jornais nem livros, que o papel estava caro e não compensava. Sopa e guisado, alternado com guisado e sopa do almoço para o jantar. Pão, muito pão, e... batatas" (G, p.23).

Como vimos no sub-capítulo anterior, Santos e a família representam, na ordem dos acontecimentos da história, a estrutura ideológica colonial, em cuja ruptura assentam as motivações ideológicas do protagonista e do narrador. É nessa ordem de ideias que o narrador, ao se referir à família Santos, detém-se em pormenores descritivos, com impacto desqualificador, como a debilidade económica, sugerida no discurso figurado, através da conotação ("era daquelas famílias a não ficar na História"), através do quiasmo ("sopa e guisado, alternando com guisado e sopa do almoço para o jantar"), e por meio da repetição quantificada ("pão, muito pão"). Fernando é outra personagem que, devido a sua posição hostil contra os negros, inserida no conjunto das práticas do sistema colonial, o narrador caracteriza-o depreciativamente:

→ "- arreia-lhe, pá! Uma nos queixos!- Dizia o Fernando escondido na sua fragilidade raquítica" (G, p. 27).

Aproveitando a situação de diálogo das personagens, o narrador emite o seu juízo de valor sobre Fernando: desde o vocábulo "escondido", que encerra uma mistura de medo e cobardia, até às expressões depreciativas "fragilidade" e "raquítica", o narrador demonstra a sua antipatia pela personagem em causa.

Mas a posição ideológica do narrador não se define apenas nos casos em que a sua subjectividade se confronta com personagens ideologicamente adversas. Define-se também quando o

narrador enfrenta personagens secundárias cuja consciência ideológica aprova. Dentre essas personagens, destaca-se o revisor quase homem:

"A meio da viagem um branco fardado entrou na carruagem dos negros. Era um rapaz novo fortemente moreno, quase celestial no seu olhar vago, vindo lá de um Brasil de humanidade sem ter vivido nas cidades norte-americanas nem conhecido os desconcertos da Índia ou da África do senhor Smuts. Parecia no racismo a pureza virginal de um selvagem ante os <<Lusíadas>>" (G, p. 28).

Ao traçar um retrato físico-psicológico positivo do "revisor quase homem", recorrendo a termos elogiosos como "novo fortemente moreno", "quase celestial no seu olhar vago, vindo de lá de um Brasil de humanidade", "sem ter (...) conhecido os desconcertos", "parecia no racismo a pureza virginal de um selvagem ante os <<Lusíadas>>", o narrador fá-lo como proposta ideológica baseada na "utopia interracial brasileira".

Uma situação aparentemente paradoxal coloca-se-nos quando o narrador apresenta a personagem (revisor quase homem) com um efeito ideológico positivo, ao mesmo tempo que deplora o seu traço racial:

"[O "revisor quase homem"] revisava os bilhetes abstractamente e escorria tanta simpatia que a negralhada ficou-se numa interrogação, tinha vinte anos e o seu único pecado era a pele branca de tirano" (G, p. 29).

Como se vê, o narrador mantém o seu parecer positivo acerca do revisor quase homem, segundo ilustram as expressões avaliativas "abstractamente" e "escorria tanta simpatia", porém caracteriza a sua raça com termos disfóricos como "pecado" e

OMNI
Simpatia

Vega

"tirano". O aparente paradoxo na atitude do narrador justifica-se, pois historicamente o sistema colonial bem como a sua ideologia de discriminação foram criados e implantados por brancos europeus, para explorarem a mão-de-obra barata africana. Nesse contexto, é possível ter-se a tendência para conotar o branco ("raça") com o sistema colonial. Portanto trata-se de uma imagem negativa do branco que se foi criando à custa das práticas coloniais de exploração.

Adoptando a focalização onisciente, o narrador de *Portagem* dispõe de um campo aberto para evocar os seus conhecimentos ilimitados sobre a história. À referida evocação subjaz a sua consciência. Assim, relatando a estreia da personagem central na vida laboral, o narrador insurge-se contra a prematuridade dessa estreia, bem como contra a predestinada e desprezível ocupação laboral de João Xilim:

"Também ele começou, como os outros meninos da sua idade, por acarretar numa padiola, o carvão mais miúdo (...) Mais tarde, em casa de patrão Campos, precisaram de um moleque e escolheram-no a ele. (...) Proibiram-no de ir brincar com outros meninos da sua idade, (...) deveria ser apenas o moleque da casa grande. Moleque das limpezas..." (P, p. 16).

Desde a insistência em dar referências sobre a idade, "meninos", passando pelas expressões imperativas "proibiram-no" e "deveria ser apenas" reflecte-se a atitude condenatória do narrador, face a infância interrompida de João Xilim. Subjaz nesta atitude do narrador um sentimento de recusa do quadro descrito. Esse sentimento aproxima-o ideologicamente ao

protagonista, assemelhando-se, neste aspecto, ao narrador de *Godido* (cf. supra, p.49).

Demonstrando os conhecimentos ilimitados que a onisciência lhe confere, o narrador faculta mais informações, com vista à clarificação do relato que produz. Com esse objectivo estabelece a seguinte comparação entre João Xilim e os negros do Marandal:

"O emigrante tornou-se, porém, diferente dos negros do Marandal que o procuravam à noite para ouvir da sua boca histórias das aventuras por outras terras. Escutam assombrados a linguagem nova que tenta dar uma interpretação diferente da vida deles. Mas não a compreendem. Às vezes, um ou outro entende que João Xilim conheceu diversos padrões da condição humana (...). João Xilim dói-se dessa incompreensão dos mineiros" (P, p.31).

O sentido de enobrecimento que assiste ao termo "diferente" exprime, do ponto de vista da consciência do narrador, a sua adesão ao protagonista. Adesão, justificável dadas as afinidades ideológicas existentes entre ambos. Com efeito, fazendo apelo à sua onisciência, o narrador realça o carácter diferente do protagonista, mencionando as causas e a repercussão desse carácter: "conheceu diversos padrões da condição humana", "... tenta dar uma interpretação diferente da vida...". Porém, no mesmo instante, ele subestima os negros do Marandal, ao descrevê-los como "assombrados pela linguagem nova que não a compreendem". Com esta atitude o narrador opõe-se aos negros do Marandal, pois estes não compreendem a personagem central: "João Xilim dói-se da incompreensão dos mineiros".

Demonstrando um conhecimento sólido das personagens, no

quadro da focalização onisciente que adopta, o narrador critica o protagonista:

"Não é que ninguém iria compreender essas coisas mesquinhas que são a razão do cansaço da vida toda de João Xilim?" (P, p.107).

Nesta passagem, à qual nos referimos ao analisarmos o estatuto de heterodiegese, o narrador acusa o protagonista de levar a cabo acções insignificantes, como sugere a expressão "coisas mesquinhas e incompreensíveis".

Sob a orientação da focalização onisciente, o narrador contempla também as personagens secundárias, penetrando o domínio interior destas. Aliás, a contemplação destas no patenteamento da focalização onisciente justifica-se pelo facto de a sua acção se enquadrar dentro da esfera do herói. Assim se verifica, por exemplo, com as personagens Maria Helena e o fogueiro Jaime, ambas secundárias:

"Maria Helena é possuída por estranhas perturbações. Teme-as e, ao mesmo tempo, deixa-se penetrar por elas com um prazer sensual. O sangue corre-lhe nas veias caudaloso e impaciente, as têmperas batem apressadamente e sem ritmo, os pensamentos galopam, transpõem todas as grades e evadem-lhe o corpo para regiões desconhecidas" (P, p. 89).

À atitude benévola que rodeia as expressões apreciativas do discurso valorativo "o sangue (...) caudaloso e impaciente", "os pensamentos galopam" subjaz a consciência do narrador, virada para a denúncia e contestação do sistema colonial de exploração e discriminação. Veja-se também por exemplo como o carácter não racial da Maria Helena contribui significativamente para a imagem

positiva que esta personagem representa para o narrador: "- Desculpem-me, não pensei que na vossa misericordiosa missão distinguissem raças..." (P, p. 93). Repare-se igualmente como na seguinte caracterização do fogueiro Jaime se esboça essa consciência avessa à exploração e discriminação do sistema colonial:

"O fogueiro Jaime tivera a sua infância num bairro suburbano semelhante ao da casa do Cajú, com uma cantina vendendo vinho aos homens que vinham de alugar as mulheres como a mãe dele, com um cantineiro arrecadando diariamente ou mensalmente as rendas dos quartos onde as negras embrutecidas se deitavam com homens de todas as raças que subiam da cidade para o arrabalde da gente de cor" (P, p. 48).

Neste breve relato do passado biográfico do fogueiro, o narrador recorre a expressões qualificativas como "embrutecidas", "arrabalde" e "suburbano" para criticar a vida precária da camada discriminada, maioritariamente constituída por mulatos e negros, também designados "gente de cor". Vida essa que no exemplo em análise compreende desde a localização espacial dessa camada: "subúrbio", lugar pouco cómodo (comparado com a cidade, reservada para a camada prestigiada), até à prática de actos pouco dignos, como a prostituição: "... deitavam-se com homens de todas as raças que subiam da cidade".

Ao abrigo da análise efectuada neste quarto sub-capítulo, podemos afirmar que em ambos os textos (*Godido* e *Portagem*) o narrador, guiando-se pelo código da focalização onisciente, fornece informações acerca das personagens, dos eventos e dos ambientes. É pois no acto da facultação dessas informações por

si julgadas necessárias para a compreensão da história, que o narrador manifesta o seu posicionamento ideológico. Portanto, verificamos, pela segunda vez, (a primeira foi quando abordamos a questão do estatuto do narrador), que a consciência ideológica do narrador aponta para o fim da ordem existente, estabelecida pelo sistema colonial de exploração e de discriminação racial. O que quer dizer, na perspectiva de Jameson, que o narrador de *Godido* e de *Portagem* defende uma utopia não racial.

2.5. Da focalização externa a alguns subsídios ideológicos

A fórmula da focalização externa designa a situação em que as personagens, os ambientes e os eventos são apreendidos do seu lado exterior. Portanto, a propriedade básica da focalização externa consiste em permitir a "representação das características superficiais e materialmente observáveis de uma personagem, de um espaço ou de certas acções"⁷³. O que quer dizer, por outras palavras, que a modalidade da focalização externa não permite a representação do mundo interior. Porém, isso não deve inculcar a ideia de que a focalização externa é refractária à irrupção da subjectividade. Pois quando combinada com outros códigos de focalização, a focalização externa propicia a análise do interior de quem contempla⁷⁴. Isto é, propicia a análise do interior da personagem e do narrador, se a focalização externa for combinada com as focalizações interna e omnisciente, respectivamente. No entanto, reiteramos com M. Bal⁷⁵ que, em focalização externa, a história é contada a partir do narrador.

⁷³. Cf. Reis e Lopes, op. cit., p. 162.

⁷⁴. Cf. Reis e Lopes, 1987. p.163

⁷⁵. M. Bal, citado por Reis e Lopes, op. cit., p. 162.

A focalização externa prolifera sobretudo nos momentos de estreia de personagens, de introdução de novos espaços, ambientes, ou de descrição de determinados eventos. Portanto, da vigência deste tipo de focalização resultam segmentos de cunho descritivo. Decorrendo do reduzido campo da sua aplicação (descrições de espaços, personagens, geralmente no início do discurso), a focalização externa é, regra geral, menos solicitada na configuração do discurso, em comparação com as focalizações interna e onisciente. Todavia, tal facto tem um peso menor, porque, "o partido tomado pela focalização não é necessariamente constante em toda a extensão de uma narrativa"⁷⁶.

Obedecendo à regra geral, o narrador de *Godido* introduz o discurso, adoptando a focalização externa:

"Anda uma escuridão de vinte e duas horas sem luar. Noite que não se acende, negra como a vida de qualquer negro, como toda a noite sem batuque nem mulheres, embriagadas de puto na senzala" (G, p. 15).

O ambiente descrito, nocturno, triste e feio, caracteriza a vida sem brilho dos negros, referidos na totalidade pelo quantificador universal "qualquer". Portanto: uma vida que, segundo indica a comparação, é "negra", "sem batuque nem mulheres, embriagadas de puto na senzala", isto é, sem alegria. Ao estabelecer um paralelismo entre o ambiente lúgubre e a vida dos negros, o narrador exprime um sentimento de protesto contra a condição de vileza dos negros. Semelhante sentimento repete-se no seguinte segmento, também narrado em focalização externa: "Um candeeiro empurrava traços de luz sobre o recém-nascido. Panos

⁷⁶. Cf. Genette, 1995. p.189

e sangue coalhavam próximos. As paredes pretas baralhavam-se com as carnes pretas dos presentes" (G, p. 16).

Limitado à observação do exterior, condicionada pela instauração da focalização externa, o narrador descreve o espaço prisional onde se encontra o protagonista:

"Porque estaria ele ali, amarrado à imundície de um quarto que é um curral, sem uma esteira onde deitar o corpo e com o chicote do carcereiro a cortar-lhe os gritos e a garganta? A sua cama é chão gelado de cimento. De tempos a tempos, a horas determinadas, as fechaduras castanhas rangem sobre si próprias, deixando passar um cheiro a bofe e papas" (P, p. 19).

Baseando-se na observação, o narrador emite opiniões judicativas sobre o recinto prisional. Assim o sugerem as expressões "amarrado à imundície de um quarto que é um curral", "com o chicote do carcereiro a cortar-lhe os gritos e a garganta", "chão gelado de cimento", "fechaduras castanhas de ferrugem", "...cheiro a bofe e papas" (discursos valorativo e figurado), com as quais o narrador denuncia com particular realce as condições desumanas a que Godido está sujeito. A atitude condenatória do narrador insere-se, por um lado, na sua linha ideológica de contestação do sistema colonial, e, por outro lado, na sua relação afectiva e também ideológica com a personagem central.

No excerto *Sonho de Negro*, combinando a focalização externa com a interna, o narrador reporta a luta entre Godido e o branco Antunes:

"O Antunes descontrolou os nervos e quase lhe amassou os seios com a manivela do automóvel. Sangue ou leite - um suor

húmido- começou molhando-lhe o quimono.

(...)

Godido estoirava raiva, a dois metros, por trás do eucalípto; e, quando Antunes ergueu de novo a manivela, o negro atirou-se.

Como música de fundo, gritos de mulher e de homem à mistura; nos bastidores a negralhada hirta, embasbacada, a ver. O corpo sujo da negra ali defendido, pêlo por pêlo, dos insultos que o magoavam.

(...)

O corpo sem vida atirou-o, ao acaso, para o automóvel" (G, pp.32-33).

Neste longo segmento, relatado a partir da observação directa, propiciada pela focalização externa, o narrador descreve a cena de luta entre Godido e Antunes. Partindo da seguinte sugestão analítica, deduzimos a informação ideológica a ela subjacente: Antunes fere Josefa com uma manivela. Esta acção comove Godido e este defronta-se com Antunes e mata-o. Assim, do ponto de vista temático-ideológico da obra, esta cena pode ser interpretada deste modo: Antunes identifica-se com o sistema colonial de exploração, Josefa é vítima desse sistema, enquanto que Godido, identificando-se com Josefa, recorre ao uso da força (luta) para libertar a Josefa da agressão de Antunes. Tendo-o conseguido, Godido é então o herói, o justiceiro. E, retomando a analogia acima sugerida a derrota de Antunes simboliza a derrota e fim do sistema colonial de exploração, antevendo-se, deste modo, a utopia não racial e sem exploração, do narrador.

À semelhança de *Godido*, em *Portagem* a focalização externa beneficia principalmente a personagem central. Assim, acompanhando-a <<de fora>>, de acordo com a terminologia de Jean Pouillon, o narrador relata o exteriormente observável. Não se isentando nessa operação de registrar marcas da sua subjectividade. Assim acontece, por exemplo, no início do segundo capítulo, o qual assinala a estreia de João Xilim no cenário dos acontecimentos:

"Com a pá de madeira, João Xilim faz guinar a almadia para a ilhota no meio do rio..."

"... Todos os dias João Xilim vem ver o sol esconder-se no mesmo sítio. E, como o sol, o mulato esconde-se também, mas da gente da sua terra. Leva para ali, para sua ilhota do silêncio e da solidão, a confusão dos seus sentimentos" (P, p. 15).

Interessado em manter o <<mistério>> sobre o protagonista⁷⁷, o narrador não fornece, de uma vez, os dados completos de identificação daquele. Porém, mais tarde, combinando a focalização externa com a onisciente, o narrador revela com certa profundidade o perfil de Xilim. Desse mecanismo combinatório obtém-se a possibilidade de se fazer alusão ao estado interior do protagonista, por um lado, e à subjectividade do narrador, por outro lado. Com efeito, vistas de um ângulo, a analogia "esconde-se também (...) da gente da sua terra" e a alusão aos conhecimentos confusos caracterizam o perfil sócio-psicológico da personagem. E, vistas do outro ângulo, exprimem a ideia do narrador sobre o mulato: indivíduo isolado, retraído,

77. Um dos efeitos que se pretende com a instauração da focalização externa é a ideia do "mistério", ou seja, "o autor nos não diz de um momento para o outro tudo o que sabe", afirma Michel Raimond, citado por Genette (cf. Genette, op. cit., p. 188).

anônimo, porque desprezado e rejeitado, devido a sua origem racial.

Recorrendo à focalização externa, o narrador relata o episódio que veio a marcar toda a existência do protagonista: o episódio da descoberta da sua origem racial:

"Aproximou-se da margem do rio onde o matagal se tornava menos denso. Correu por entre os arbustos raros, (...). Mas um insólito ruído o fez parar. Alguns metros adiante, a folhagem caída no chão rangia como se fosse pisada por gente ou bicho (...). Escondeu-se atrás dum arbusto, afastou com cuidado as trepadeiras enoveladas e espreitou (...) e João Xilim descobriu (viu) que a mulher que estava embrulhada com patrão Campos era a negra Kati, sua mãe" (P, pp. 23-24).

O local escondido, "matagal", bem como as condições inadequadas que o mesmo oferece, "folhagem caída no chão", traduzem, do ponto de vista do narrador, a natureza criminal e fortuita da intimidade entre Campos e Kati, e portanto passível de ser censurada. Censura essa reforçada pelo termo ridículo "embrulhada". Situação similar parece decorrer do seguinte cenário, também narrado em focalização externa, em *Godido*: "Não havia meia hora, o Buick do senhor Antunes ali parava. Josefa apareceu da confusão da noite. Um quimono preso dos ombros e dos seios, e a capulana de riscado azul, escondendo-lhe o pudor até aos pés Trouxe atrás de si o resfolhar de panos e de plantas" (G, p. 31). A "noite" e as "plantas" (mata) dão essa impressão de se tratar de um acto criminal e casual. E, por causa disso, praticado clandestinamente (a coberto da noite e da mata).

Na sequência da sua adesão aos vínculos ideológicos do

herói, o narrador relata em tom de exaltação as acções daquele:

"Dá alguns passos vagorosamente e quando calcula que o engajador terá baixado a pistola, vira-se subitamente, arremete de um salto e dá-lhe uma cabeçada no estômago. O engajador cai desamparado para trás e larga a pistola. João Xilim (...) assesta-lhe um murro brutal no nariz. O engajador desmaia, sangrando abundantemente" (P, p. 33).

Neste relato, o narrador tende a associar grandes capacidades a João Xilim, recorrendo ao advérbio de modo ("vagosamente", "subitamente"), e ao adjectivo ("brutal"). Em contrapartida, ao representar o adversário do herói, utiliza termos que tendem a enfraquecê-lo. Com efeito, o engajador é nos apresentado sem reflexos rápidos, nem astúcia, o que o leva à derrota: "...cai desamparado", "...desmaia, sangrando abundantemente". A motivação ideológica para a tomada de atitudes diferentes pelo narrador na representação das duas personagens encontra-se, retomando a interpretação que fizemos em relação a Godido, no facto de o engajador representar o sistema colonial de exploração, devido a sua acção de engajar negros do Marandal para o trabalho mineiro, enquanto que João Xilim, defrontando e vencendo o engajador, surge como o herói que liberta os negros do Marandal da condição de vítimas do sistema. Portanto, de novo se desenha a visão utópica do narrador, isto é, crença na abolição do sistema colonial de exploração. Cenários idênticos ao que acabámos de analisar repetem-se quando João Xilim, moldado em focalização externa, enfrenta o soldado, (p. 62), Marques, (p. 73), o chaveiro, (p. 76), o encarregado das medições, (p. 113), o Coxo, (pp. 152-153).

Nesta parte final da análise do discurso do narrador, produzido a partir da focalização externa, importa sublinhar que, do relato do exterior observável, transparecem instantes da consciência do narrador, acerca do que observa e conta. Consciência essa virada para uma utopia não racial e sem exploração. O que, por outras palavras, quer dizer que o narrador, quer em *Godido*, quer em *Portagem*, não aceitando a ordem montada pelo sistema colonial, promove acções (ideológicas) no sentido de a romper.

3. CONCLUSÃO

Ao estabelecermos como objectivo do presente estudo demonstrar as evidências da articulação entre a técnica narrativa e a ideologia, partimos da premissa de que, tal como acontece com a maioria dos textos narrativos literários, essa articulação afirma-se também em *Godido* e em *Portagem*. Movidos por tal hipótese, centramos o estudo nas modalidades técnico-narrativas do estatuto do narrador e da focalização, para deduzirmos as propostas ideológicas que as obras oferecem. A procura deste objectivo fizêmo-la através de uma análise do corpus, a qual nos conduziu às seguintes conclusões que, à semelhança da interpretação que fizemos dos textos, não pretendem ser únicas nem intrasponíveis:

Em relação à matéria do estatuto do narrador, verificamos que em *Godido* e em *Portagem* se institui um narrador heterodiegético. Trata-se, como vimos, de um narrador caracteristicamente autónomo relativamente à história que conta. Essa autonomia permite-lhe intervir directamente na acção, comentando, conjecturando, opinando, criticando, sempre que achar necessário, pois geralmente ele não é julgado por nenhum dos seus actos. Tomando como objecto da análise textual as sucessivas intervenções do narrador (com mais incidência em *Godido* do que em *Portagem*), deduzimos a sua linha ideológica: utopia não racial e sem exploração, utopia essa subjacente ao seu discurso crítico e contestatário, contra o sistema colonial de exploração e discriminação. A mesma linha mantém-na o narrador quando, adoptando: (i) a focalização omnisciente, assume uma posição de transcendência sobre o que conta, habilitando-se deste modo, não

só a tomar um controlo máximo dos acontecimentos, mas também a avaliá-los de acordo com o seu nível de consciência. Mais uma vez, devemos assinalar que essa avaliação, a partir da qual deduzimos a visão utópica não racial do narrador, surge dotada de mais consistência em *Godido* do que em *Portagem*. Isso leva-nos a considerar o narrador do primeiro mais esclarecido e por isso mais contundente em relação à temática de contestação, dominante nos dois textos. (ii) a focalização externa, modalidade que colocando-o na posição de observador permite-lhe apreender directa e exteriormente as personagens, o espaço e os eventos. Não podendo, nesse contacto directo com o exterior observável da história, manter uma posição de neutralidade, o narrador deixa transparecer a sua postura ideológica, cuja linha definitiva, como temos vindo a referir, consiste no anseio pela ruptura da ordem então existente. Noutro desenvolvimento analisámos o discurso do narrador, configurado sob a orientação da focalização interna, ou seja, o tipo de focalização em que os acontecimentos contados são apreendidos por uma personagem inserida na história. Por razões expostas anteriormente, examinámos a interioridade da personagem central, nas obras em estudo. Como resultado do referido exame, verificámos que, à semelhança do narrador, *Godido* em *Godido* e João Xilim em *Portagem* defendem uma utopia não racial, isto é, o objectivo da sua acção aponta para um futuro em que não haverá nem exploração, nem discriminação racial (foi reconhecendo este facto que defendemos, e agora reiteramos, que em ambos os textos o narrador e a personagem central mantêm afinidades ideológicas, que por vezes determinam uma certa

afectuosidade do primeiro pelo segundo⁷⁸). É justamente na luta pelo alcance do referido objectivo, uma espécie de demonstração da sua tese ideológica, que os protagonistas se revelam diferentes um do outro. Com efeito, Godido propõe o uso de uma força com vista a ruptura da ordem instalada, enquanto que João Xilim encarrega ao tempo a responsabilidade de mudar a situação.

Portanto, a análise do estatuto e da focalização em Godido e em Portagem conduziu-nos à verificação de que entre os narradores, por um lado, e entre os protagonistas, por outro lado, existe uma coincidência ideológica. Coincidência essa que valida a premissa deste estudo: presença de evidências, em Godido e em Portagem, da articulação entre a técnica narrativa e a ideologia. Por outro lado, interessa-nos, neste local, referir estes resultados, do ponto de vista histórico-literário, que o presente estudo não pode dispensar. Assim, se, como referimos no início deste trabalho, o discurso de Godido e de Portagem foi produzido no âmbito de uma tendência literária dominante, a dos anos 50, a coincidência ideológica ora assinalada demonstra que apesar da distância temporal que os separa, Godido (1952) e Portagem (1965) ambos procuraram concretizar o mesmo objectivo: denúncia e contestação do sistema colonial de exploração e discriminação, então vigente.

A finalizarmos este capítulo conclusivo, reiteramos, uma vez mais, que o mesmo não pretende inculcar a ideia de se encarar o presente trabalho como um "produto acabado". Pelo contrário, esperamos que a análise dos textos aqui efectuada, bem como os

⁷⁸ Ficou explicitado que, decorrendo talvez das sistemáticas manipulações do narrador à personagem central em Godido, é neste texto que a tal afinidade ideológica se celebra em absoluto. Para examinarmos o facto, basta recordarmos que em Godido difícil e raramente se consegue determinar a distância que separa o narrador do protagonista, enquanto que em Portagem, a situação coloca-se-nos um pouco diferente. Com efeito, é possível, várias vezes, distinguir o campo do protagonista do do narrador. Este chega, algumas vezes, a censurar o seu herói, embora sem o objectivo de criar polémica.

resultados dela obtidos suscitem mais interesse para outras reflexões de Godido e de Portagem , quer na perspectiva aqui seguida, quer sob outras perspectivas de análise. Afinal, achamos que isso contribuiria para a valorização das obras em questão e para o desenvolvimento da Literatura Moçambicana.

21. PEDRO, Luis Vasconcelos. *Proposta de uma Edição Comentada do texto de João Dias Godido*- trabalho de projecto, apresentado s. para obtenção do grau de licenciatura em Linguística, na Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1996.
22. PENVENNE, Jeanne. *The Unmarking of an Africian Petite Bourgeoisie*. Africian Studies Center, 1982, n°57
23. PRÉVOST, Claude. *Literatura , Política e Ideologia*. Lisboa: Moraes Editores, 1976.
24. REIS, Carlos. *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.
25. REIS, Carlos. *Técnicas de Análise Textual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.
26. REIS, Carlos. *O Discurso Ideológico do neo-realismo Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
27. REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
28. SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 16ª edição. Porto: Porto Editora, s/d.
29. SEIXO, Maria Alzira (compil). *Literatura, Significação e Ideologia*. 2ª edição. Lisboa: editora Arcádia, 1979.
30. SOUSA DIAS, Carmen Lydia. *O Instante Implacável da Consciência em Portagem de Orlando Mendes*, in: *África Literatura Arte e Cultura*, n°112, Lisboa, s/d.

BIBLIOGRAFIA

1. ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *A Escrita neo-realista (ensaios)*. São Paulo: Ática, 1981.
2. AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Téoria da literatura*, 8ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.
3. AMARAL, Wanda do. *Guia para apresentação de teses, dissertações, trabalhos de graduação*. Maputo: Imprensa da UEM, 1995
4. CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1981 AMARAL, Wanda do. *Guia para apresentação de teses, dissertações, trabalhos de graduação*. Maputo: Imprensa da UEM, 1995
5. DIAS, João. *Godido e Outros Contos*, 2ª edição. Maputo: Edição Associação dos Escritores Moçambicanos/INLD, 1988.
6. EAGLETON, Terry. *Marxismo e Crítica Literária*. Porto: Edições Afrontamento, 1976.
7. EAGLETON, Terry. *Ideology*. London: Verso, 1991.
8. FERREIRA, Manuel. "Da incapacidade órfica de amainar o ódio ao anseio da felicidade, [Manuscrito].
9. GENETTE, Gérard. *Nouveau Discours du récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
10. GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*, 3ª edição. Lisboa: Vega, 1995.
11. HAMILTON, Russel G. *Literatura Africana, Literatura Necessária II- Moçambique, Cabo-Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.